

LUCIANNE LOUREGA

**ESCOLA E COMUNICAÇÃO:
ANÁLISE DA PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA NO PROJETO
ALUNOS EM REDE – MÍDIAS ESCOLARES**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo do
Centro Universitário Metodista IPA como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Bacharel em Comunicação Social –
habilitação em Jornalismo com ênfase em
Gestão da Comunicação.**

Orientadora: Prof^a Ms. Elisângela Ribas

PORTO ALEGRE

2010

LUCIANNE LOUREGA

**ESCOLA E COMUNICAÇÃO:
ANÁLISE DA PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA NO PROJETO
ALUNOS EM REDE – MÍDIAS ESCOLARES**

Este **Trabalho de Conclusão de Curso** foi julgado e aprovado para a obtenção do grau de Bacharel no **Curso de Jornalismo do Centro Universitário Metodista IPA**.

Porto Alegre, 14 de junho de 2010.

Prof^a. Dr^a. Maricéia Benetti
Coordenadora do Curso

Apresentada à banca examinadora integrada pelos professores(as)

Prof^a. Ms. Elisângela Ribas
Centro Universitário Metodista IPA

Prof^a. Ms. Laura Glüer
Centro Universitário Metodista IPA

Prof^a. Ms. Lisete Ghiggi
Centro Universitário Metodista IPA

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de completar mais esta etapa.

Aos meus pais, Leda e João Baptista, pelo apoio incondicional.

Ao meu companheiro Raid, por todo o amor.

À professora Elisângela Ribas, por me apresentar à Educomunicação e orientar nesta pesquisa.

Aos educadores, Jesualdo Freitas de Freitas e Lúcia Matos, e aos estudantes que integram a Rádio DJTALD+ Chico Mendes, pela experiência inesquecível.

Meus sinceros agradecimentos.

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Paulo Freire

RESUMO

A aproximação dos campos da Comunicação e da Educação apresenta-se como um recurso valioso de mediação entre a cultura da mídia e a cultura escolar. O presente trabalho buscou verificar se as ações desenvolvidas pelo projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares, em Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) de Porto Alegre, se caracterizam como práticas educomunicativas. A partir da coleta de dados, na qual se destacou a observação participante, realizada na Rádio DJTALD+ da EMEF Chico Mendes, localizada na periferia da cidade, concluiu-se que o projeto atua em duas áreas da Educomunicação: a mediação tecnológica e a gestão comunicativa no espaço educativo. Entre as principais intervenções no processo de aprendizagem dos alunos envolvidos na pesquisa, identificou-se o fortalecimento do senso crítico frente aos processos comunicacionais, a melhora da linguagem e o aumento da autoestima.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Educomunicação. Mediação tecnológica. Rádio escolar.

ABSTRACT

The approach between both Communication and Education areas can be a valuable mediation appeal between media culture and school culture. This work tried to verify if the actions developed by the project Alunos em Rede – Mídias Escolares, at Elementary Public Schools from Porto Alegre, can be characterized as skills of *educomunicação*. After collecting data, and giving a special importance to the observation *in loco* at DJTALD+ Radio from Chico Mendes Elementary School, which is placed in the suburb, we can surely say that the project performs in two areas of *Educomunicação*: the technological mediation and the communicative management on educational space. Among the most important interventions in learning process of the students who were involved in this research, we have identified a fortifying critical sense when in communicational processes, the language improvement and the increase of self-esteem.

Keywords: Communication. Education. *Educomunicação*. Technological mediation. School radio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Professor e aluna no primeiro estúdio da rádio.....	31
Figura 2 – Atual estúdio da Rádio DJTALD+.....	31
Figura 3 – Transmissão da rádio no pátio da escola.....	31
Figura 4 – Logotipo da Rádio DJTALD+.....	32
Figura 5 – Rádio-poste A Voz do Parque.....	33
Figura 6 – Página inicial do blog Alemrede.....	34
Figura 7 – Leitura de recado e adivinha.....	37
Figura 8 – Entrevista com a autora.....	38
Figura 9 – Professora e alunos durante a oficina.....	38

LISTA DE SIGLAS

ANDI – Agência Nacional de Direitos da Infância
CCCS – Centre for Contemporary Cultural Studies
Consed – Conselho Nacional de Secretários de Educação
EMEFs – Escolas Municipais de Ensino Fundamental
ENIAC – Eletronic Numerical Integrator and Calculator
Feplam – Fundação Educacional Pe. Landell de Moura
Fundescola – Fundo de Fortalecimento da Escola
MEC – Ministério da Educação
NCE-ECA/USP – Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
NEMP – Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política
NTICs – Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação
ONGs – Organizações Não Governamentais
SMED – Secretaria Municipal de Educação
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
Unicef – Fundo das Nações Unidas para a Infância
WWW – World Wide Web

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 INTER-RELAÇÃO COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO.....	14
2.1 COMUNICAÇÃO: EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM HUMANA, DOS MEIOS E DAS TEORIAS.....	14
2.1.1 Do receptor espectador ao receptor protagonista.....	17
2.1.1.1 Estudos Culturais e a teoria da mediação	18
2.2 EDUCAÇÃO: MODELOS PEDAGÓGICOS E O USO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	20
2.2.1 A filosofia educacional de Paulo Freire	21
2.2.2 Tecnologias de comunicação no ambiente escolar	22
2.3 EDUCOMUNICAÇÃO: UM NOVO CAMPO DE SABER	24
2.3.1 O perfil do educador e o seu papel na educação formal.....	26
3 ALUNOS EM REDE – MÍDIAS ESCOLARES	28
3.1 ESTUDO DE CASO	28
3.2 DA RÁDIO DJTALD+ AO PROJETO ALUNOS EM REDE	30
3.2.1 Uma rádio para preencher o recreio	30
3.2.2 A formação da Rede DJTALD+ e do projeto Alunos em Rede.....	32
3.2.3 O blog Alemrede e a assessoria aos professores e alunos	33
3.3 NOS BASTIDORES DA RÁDIO DJTALD+ CHICO MENDES	35
3.3.1 Rádio no recreio	36
3.3.2 Oficina na biblioteca	37
4 UM OLHAR SOBRE O PROJETO.....	40
4.1 EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA	40
4.1.1 Ecossistemas comunicativos	42
4.2 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: CONVERGÊNCIA DE MODELOS	44
4.3 O ALUNO COMO PROTAGONISTA	46
4.3.1 Expressão e autoestima	46
4.3.2 Construção da autonomia	47
4.3.3 Senso crítico e identidade cultural	48
4.3.4 Um futuro além da rede	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52

REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE A – Entrevista com o coordenador do projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares.....	58
APÊNDICE B – Entrevista com a coordenadora da Rádio DJTALD+ Chico Mendes.....	67
APÊNDICE C – Entrevista com ex - integrante da Rádio DJTALD+ Chico Mendes.....	73
APÊNDICE D – Modelo de questionário.....	75
APÊNDICE E – Resultados do questionário.....	76
ANEXO A – Lauda de entrevista para eventos.....	79
ANEXO B – Lauda de boletim informativo para eventos.....	80
ANEXO C – Rotina do aluno/entrevistador nos eventos.....	81
ANEXO D – Lauda com programação musical.....	82
ANEXO E – Lauda com vinhetas.....	83
ANEXO F – Lauda de entrevista.....	84

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade do século XXI, crianças e adolescentes adquirem informações ouvindo rádio, assistindo televisão, teclando no computador. Parafraseando o título em português da célebre obra de Marshall McLuhan¹, os meios de comunicação e as tecnologias de informação tornaram-se extensões dessa geração. Evoluem as práticas de comunicação, evoluem também as de aprendizagem, e uma das formas da escola acompanhar essa evolução é apropriando-se dos meios e das tecnologias.

O Relatório para a UNESCO² da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI³ aponta nessa direção ao recomendar que as potencialidades das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs) sejam postas a serviço da Educação. Segundo o presidente da comissão, Jacques Delors (2001, p. 154), “professores e escola encontram-se confrontados com novas tarefas: fazer da escola um lugar mais atraente para os alunos e fornecer-lhe as chaves de uma compreensão verdadeira da sociedade da informação”. A prática educomunicativa surge como uma ferramenta para a realização dessas tarefas ao promover, sob uma perspectiva dialógica, o uso adequado dos recursos da informação no processo de ensino e aprendizagem.

No Brasil, o estudo da inter-relação entre os campos tradicionais da Comunicação Social e da Educação, ou Educomunicação, ganhou destaque na metade da década de 1990, a partir de pesquisas realizadas pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP), coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares. Em 1999, os participantes do I Fórum Nacional sobre Mídia & Educação: Perspectivas para a qualidade da Informação⁴ reforçaram a importância do diálogo entre as duas áreas a partir de recomendações como estas:

¹ MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. Trad.: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

² Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

³ Também conhecido como Relatório Jaques Delors, o documento foi elaborado entre 1993 e 1996 por especialistas de todo o mundo. (DELORS, 2001). No Brasil, o relatório foi publicado em forma de livro, pela Cortez Editora, com o título Educação: um tesouro a descobrir.

⁴ O evento, realizado em São Paulo, foi promovido em conjunto pela Agência Nacional de Direitos da Infância (ANDI), o Instituto Ayrton Senna, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), o Ministério da Educação (MEC), o Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (NEMP), o Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola) e o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed). Disponível em <<http://www.unicef.org/brazil/pt/midiaedu.pdf>>. Acesso em: 4 maio. 2010.

Reconhecer a inter-relação Comunicação e Educação como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a educação. Difundir o binômio Comunicação e Educação como potencial transformador da sociedade, em direção à plena cidadania (SCHAUN, 2002, p. 96).

Apesar de ainda não constar nos currículos escolares, a prática da Educomunicação pode ser identificada em ações realizadas nos ambientes de ensino formal. O projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Porto Alegre, apresenta-se como uma dessas ações. A partir da utilização de recursos tecnológicos, estudantes de Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) aprendem a produzir materiais para rádio, televisão e internet.

O presente trabalho se propõe a verificar e analisar a experiência educ comunicativa no projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares. A partir desse objetivo principal, desdobram-se os secundários: conhecer o projeto, acompanhar as atividades nele desenvolvidas e investigar de que forma essas atividades contribuem para a formação dos alunos envolvidos. Como hipótese, considera-se que a iniciativa da SMED pode ser inserida no campo da Educomunicação uma vez que aproxima os estudantes dos meios de comunicação, o que colabora para a melhoria de suas relações sociais e aprendizagem.

Para alcançar os objetivos propostos e confirmar a hipótese levantada, foi adotado o procedimento qualitativo e o estudo de caso como método. A pesquisa qualitativa, de acordo com Pádua (2002, p. 34), se preocupa com o “significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, valores, representações sociais, que permeiam a rede de relações sociais”. O estudo de caso, por sua vez, consiste em uma “inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real” (YIN, apud DUARTE, 2008, p. 216). Dada a variedade de informações obtidas, por meio de pesquisa bibliográfica, documental, observação participante, questionários e entrevistas, a autora optou por realizar o estudo e a interpretação das mesmas com base na Análise de Conteúdo, técnica indicada por Laville e Dionne (1999) no caso de uma grande diversidade de materiais.

O desenvolvimento da monografia ocorre em três etapas. O primeiro capítulo, intitulado Inter-relação Comunicação/Educação, aborda as três áreas de interesse

dessa pesquisa: a Comunicação, a Educação e a Educomunicação. No campo da Comunicação, consta a evolução da linguagem humana, dos meios de comunicação e dos modelos comunicacionais, tendo-se como referencial os autores Wilson Jr. Dizard, Jesús Martín-Barbero, Armand Mattelart e Michèle Mattelart, entre outros.

No campo da Educação, trata-se dos modelos pedagógicos identificados por Fernando Becker; da filosofia educacional de Paulo Freire; da utilização dos meios de comunicação e das tecnologias em sala de aula, com contribuições dos pesquisadores da Comunicação, Marshall McLuhan e Pierre Lévy, e da Educação, Francisco Gutiérrez e José Manuel Moran. Por fim, apresenta-se o conceito de Educomunicação, o perfil e as áreas de atuação do seu profissional, conhecido como educ comunicador, a partir de textos de Ismar Soares de Oliveira, Angela Schaun e Geneviève Jacquinot.

O segundo capítulo, Alunos em Rede – Mídias Escolares, traz a descrição do método e das técnicas utilizados durante a pesquisa e, também, do histórico e da estrutura do projeto da SMED. Um breve relato das atividades desenvolvidas na EMEF Chico Mendes, durante os dias 3 e 10 de maio de 2010, busca ilustrar parte da dinâmica do projeto.

O terceiro e último capítulo, Um Olhar sobre o Projeto, apresenta, após a associação dos dados obtidos com a teoria da Educomunicação, a resposta à problemática da pesquisa: o projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares caracteriza-se como uma prática educ comunicativa? Nesse capítulo, ainda se evidenciam a convergência dos modelos comunicativos e educacionais e as intervenções promovidas pelo projeto no desenvolvimento pessoal e cognitivo dos estudantes da EMEF Chico Mendes.

Ao final desse percurso acadêmico, construído por conhecimentos teóricos e práticos, se pretende contribuir para a reflexão sobre o campo emergente da Educomunicação e a legitimação de suas práticas no universo escolar.

2 INTER-RELAÇÃO COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO

2.1 COMUNICAÇÃO: EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM HUMANA, DOS MEIOS E DAS TEORIAS

A origem das primeiras formas de comunicação humana é bastante incerta. O que se tem de informação sobre isso é que o homem primitivo se comunicava por meio de gestos, gritos e grunhidos. Ao transformar a voz em fala, passou a associar um som ou gesto a um certo objeto ou ação.

Assim nasceram o *signo*, isto é, qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou idéia, e a *significação*, que consiste no uso social dos signos. A atribuição de significados a determinados signos é precisamente a base da comunicação em geral e da linguagem em particular (BORDENAVE, 2005, p. 24).

Para fixar seus signos, o homem utilizou o desenho e mais tarde a linguagem escrita. As mensagens mais antigas que chegaram até nossa época são as representações do período Paleolítico (entre 35.000 e 15.000 a.C). O propósito da pintura pré-histórica é desconhecido, mas Giovannini (1987, p. 27) ressalta que “o artista paleolítico, capaz de fabricar os utensílios necessários à sua arte e de decorar as paredes das cavernas segundo critérios complexos, devia ter também uma linguagem”.

Segundo a autora, a invenção da escrita é atribuída aos sumérios, e os primeiros testemunhos dessa linguagem são as tábulas, provenientes da cidade de Uruk, com imagens gravadas por meio de pictogramas, representações desenhadas de objetos concretos. Da escrita pictográfica, cujo maior exemplo são os hieróglifos do antigo Egito, evoluiu-se para a ideográfica – representação de ideias utilizada até hoje pelos chineses e japoneses – e, posteriormente, para a fonográfica, na qual os signos representam sons.

Embora a passagem da tradição oral para a escrita tenha significado uma mudança radical no tipo de mensagem transmitida, a escrita ainda era ainda considerada um privilégio de poucos. Foi o alfabeto, criado pelo povo fenício e incorporado mais tarde pelos gregos, o responsável pela primeira grande difusão da

cultura que tornou a escrita mais acessível às multidões (GIOVANNINI, 1987).

Decorridos séculos da adoção da escrita, a história da Comunicação sofreu outra grande revolução: a invenção da imprensa com tipos móveis por Johannes Gutenberg, em torno de 1450, na Alemanha. Com a tipografia, os livros, antes copiados a mão, puderam ser impressos repetidamente em muitos exemplares. Chegava ao fim o monopólio da escrita e da leitura que, durante toda a Idade Média, esteve em poder dos escribas, padres, eruditos e das elites políticas (CASTAGNI, 1987).

Impulsionados pelo sistema tipográfico, os meios de comunicação se desenvolveram rapidamente, e, no século XIX, surgiu a primeira grande transformação nas tecnologias da mídia de massa⁵, apontada por Dizard (2000): jornais baratos e editoras de livros em grande escala. A segunda transformação, de acordo com o autor, aconteceu com as transmissões por ondas eletromagnéticas: o rádio, em 1920 e a televisão, em 1939.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o rádio se tornou um alto-falante do mundo ao transmitir nas línguas de diferentes populações. A popularização do veículo abriu caminho para a televisão que, nas palavras de Bordenave (2005, p. 30), uniu o “alcance geográfico do rádio às potencialidades visuais do cinema e se converteu numa magia a domicílio”. Após o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), estava formada uma civilização televisa.

A terceira e última transformação dos meios de massa “envolveu uma transição para a produção, armazenagem e distribuição de informação e entretenimento estruturadas em computadores⁶” (DIZARD, 2000, p. 54). Dizard (2000) entende por essas novas mídias um conjunto de mídias interativas, digitais. As mídias tradicionais e as novas tecnologias compartilham cada vez mais um caminho comum para fornecer uma variedade de serviços. Trata-se da sinergia das mídias, promovida principalmente pela internet⁷, que potencializa o uso do jornal, rádio, cinema e da televisão.

Na era digital, quebram-se todas as fronteiras geográficas e surgem novas

⁵ Mídia de massa, segundo Dizard (2000), significa produtos de informação e entretenimento, produzidos, padronizados e distribuídos a grandes públicos através de canais distintos.

⁶ O primeiro computador, o ENIAC (Eletronic Numerical Integrator and Calculator), entrou em funcionamento em 1945 e “ocupava um andar inteiro em um grande prédio” (LÉVY, 1993, p. 101).

⁷ Desenvolvida em 1969 para fins militares, a internet foi concebida como um sistema de comunicação entre as bases militares dos Estados Unidos. Nas décadas seguintes, a rede passou a ser usada por acadêmicos e professores universitários até a sua disseminação pelo mundo a partir

definições, como ciberespaço e cibercultura⁸. Essa nova realidade midiática traz à tona as ideias de Marshal McLuhan, pesquisador canadense, pioneiro na concepção da comunicação a partir de seus aparatos tecnológicos. Para Dizard (2000), a difusão das redes pessoais de comunicação concretiza a previsão de McLuhan sobre máquinas de informação que farão do homem comum seu próprio editor.

Por outro lado, o conceito de McLuhan de que o “meio é a mensagem”⁹ pode ser alterado. Segundo Negroponte (1995, p. 73), “no mundo digital, o meio não é a mensagem: é uma das formas que ela assume. Uma mensagem pode apresentar vários formatos derivando automaticamente dos mesmos dados”. As informações não se originam mais de uma fonte central e a interatividade permite que o público, cada vez mais segmentado, tenha um maior controle sobre os serviços midiáticos.

Dizard (2000, p. 39) questiona se as novas mídias nos tornarão mais próximos ou mais distantes em função de uma possível “distinção de classes entre aqueles que têm e aqueles que não têm acesso fácil à informação, entre aqueles que sabem explorar os recursos de informação e aqueles que não sabem”. No entanto, outro desafio impera em uma sociedade em que não falta informação: o que fazer com tanta informação? Giovannini (1987, p. 19) considera sobre o assunto:

A “aldeia global” não infunde temor aos jovens: dela fazem parte. [...] Cabe-nos garantir o conhecimento necessário – e de modo igual para todos – a fim de que os homens continuem a manter sob controle toda e qualquer tecnologia e cada um de seus efeitos sobre o modo de viver juntos em liberdade. Daí a **importância do papel da escola** na nova sociedade (grifo da autora).

Surgem, assim, novas funções tanto para os profissionais do campo da Comunicação como para os educadores: incentivar uma leitura crítica dos meios de comunicação, utilizando-os para desenvolver o potencial e a capacidade dos indivíduos.

dos anos 1990, principalmente após a criação da *World Wide Web* – *www* ou *web* (Costella 2002).

⁸ Lévy (2003, p.17) conceitua o ciberespaço como o “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” e a cibercultura como o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

⁹ McLuhan (1964, p.23) afirma que “o meio é mensagem porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humana”.

2.1.1 Do receptor espectador ao receptor protagonista

Paralelamente ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, construíram-se as teorias sobre os processos de comunicação. De acordo com Rüdiger (2003), foram raras as reflexões sobre o tema nos séculos XVIII e XIX. A origem da problematização da comunicação só veio a ocorrer no século passado. Como o foco desta pesquisa é o processo educacional na escola, no qual o aluno/receptor é estimulado a produzir mídias e a assumir uma postura de protagonista, serão analisadas algumas teorias que privilegiam o transmissor da mensagem e outras que resgatam a importância do papel do receptor.

As primeiras datam do início do século XX e têm como base a fórmula americana de linearidade (emissor – mensagem – receptor). Entre elas, destacam-se a teoria da informação, a teoria hipodérmica e o modelo de Lasswell. A teoria da informação ou teoria matemática da comunicação, desenvolvida pelos engenheiros Shannon e Weaver, consiste em um sistema geral de comunicação: fonte de informação – transmissor – canal – receptor – destino. Seu objetivo é transmitir o máximo de informação com o mínimo de distorção e com a máxima economia de tempo e energia (MATTELART; MATTELART, 2005).

A teoria hipodérmica prega que a toda resposta corresponde um estímulo, pois não há resposta sem estímulo ou estímulo sem resposta. A ação comunicativa consiste numa mera relação automática em que “a audiência é visada como um alvo amorfo que obedece cegamente ao esquema estímulo-resposta” (MATTELART; MATTELART, 2005, p.37).

No modelo de Lasswell, a comunicação é entendida como a ação pela qual um sujeito transmite ideias para seus semelhantes com determinado efeito, por meio das perguntas: Quem diz o quê? Através de que meio? A quem? Com que efeito? A comunicação é considerada “eficiente quando a reação do receptor corresponde ao objetivo visado pela mensagem; e deficiente, quando não corresponde ao objetivo pretendido pelo comunicador” (RÜDIGER, 2003, p. 56).

Com o desenvolvimento da teoria da comunicação, afirma Primo (2010), o enfoque transmissionista da comunicação cedeu espaço para um modelo de ênfase na interação no qual todos os participantes são atuantes na relação. Na metade do século XX, surgiram pesquisas preocupadas em analisar não apenas o que os meios

fazem com as pessoas, mas também o que as pessoas podem fazer com os meios de comunicação. É o caso dos Estudos Culturais britânicos e a sua vertente latino-americana.

2.1.1.1 Estudos Culturais e a teoria da mediação

A origem dos Estudos Culturais, ou *Cultural Studies*, encontra-se na Inglaterra pós-guerra com a publicação de *The uses of literacy* (1957), de Richard Hoggart, *Culture and society* (1958), de Raymond Williams, e *The making of the english working-class* (1963), de E.P. Thompson. Em 1964, a teoria é organizada através da criação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), centro de pesquisa e ensino de pós-graduação da Universidade de Birmingham. Segundo Storey (apud ESCOSTEGUY, 2001), os fundadores dessa corrente entendem que, pela análise da cultura de uma sociedade, é possível reconstituir o comportamento dos indivíduos que produzem e consomem os textos.

O foco da teoria sofreu transformações ao longo do tempo. Inicialmente, os pesquisadores conceberam a cultura popular como um reflexo da luta da classe operária por sua autoexpressão. O conteúdo dos meios massivos parecia fornecer a fonte de uma “cultura comum” (SCHULMAN, 2006, p. 178). A partir dos anos 1970, os meios passam a ser vistos como aparelhos ideológicos do Estado.

Na década de 1980, a área de investigação passou a combinar a análise de texto com a pesquisa de audiência para observar de que forma o público negociava com os meios de comunicação. Stuart Hall¹⁰ concebeu o modelo da codificação-decodificação, aplicável à produção jornalística (codificação) e aos processos de recepção (decodificação) do leitor/espectador (ESCOSTEGUY, 2001). O público passou a ser percebido como ativo, capaz de ler as mensagens de várias formas e produzir seus próprios significados. Nos anos 1990, observa Escosteguy (2001, p. 166), “o leque de investigações sobre a audiência procura ainda mais enfaticamente capturar a experiência, a capacidade de ação dos mais diversos grupos sociais”.

¹⁰ De origem jamaicana, Hall deixou a terra natal para prosseguir seus estudos na Inglaterra. Ao substituir Hoggart na direção do CCCS, de 1968 a 1979, incentivou a investigação de práticas de resistência de subculturas e de análise dos meios massivos (ESCOSTEGUY, 2001).

Os Estudos Culturais tornaram-se uma problemática teórica internacional. Na América Latina, os pensamentos do Centro de Birmingham nortearam um processo de resgate da cultura popular com origem na segunda metade da década de 1970, época em que, segundo Berger (2001), ocorreu a passagem da pesquisa-denúncia para a pesquisa-ação. Os pesquisadores abandonaram a abordagem crítica dos meios para tratar a comunicação “no cenário da cultura, que na América Latina encontra eco na sua formação híbrida, que propicia múltiplas mediações na recepção das mensagens” (BERGER, 2001, p. 268).

Entre os nomes da escola latino-americana, destaca-se o de Jesús Martín-Barbero, espanhol radicado na Colômbia, que desenvolveu um novo modelo teórico: o das mediações. Em *Dos meios às mediações*, o autor propôs o deslocamento da análise do meio de comunicação para onde o seu sentido é produzido:

[...] o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 258).

Um dos principais conceitos da obra de Martín-Barbero (1997, p. 16) é o da mestiçagem, considerada não apenas como uma mistura de raças, mas também de culturas: “o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo”. A cultura popular se manifesta a partir dessas mestiçagens, desses diversos sujeitos que possuem um “modo próprio de perceber e narrar, contar e dar conta” (MARTÍN-BABERO, 1997, p. 259).

Para o pesquisador espanhol, a cultura assume o papel de mediadora entre a comunicação e os sujeitos sociais que passam a interagir com os meios em um processo de negociação de sentidos:

[...] na redefinição da cultura, é fundamental a *compreensão de sua natureza comunicativa*. Isto é, seu caráter de produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador, mas também um produtor (MARTÍN; BARBERO, 1997, p. 299).

Ao deslocar o foco dos meios para as mediações, permeadas pelas experiências e práticas cotidianas do receptor, a teoria desenvolvida por Martín-Barbero lançou novas perspectivas para as pesquisas de comunicação, especialmente no campo dos estudos da recepção.

2.2 EDUCAÇÃO: MODELOS PEDAGÓGICOS E O USO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

De acordo com Becker (2001), três modelos de ensino encontram-se presentes hoje no ambiente escolar: a pedagogia diretiva, a pedagogia não-diretiva e a pedagogia relacional. A pedagogia diretiva acredita que o conhecimento pode ser transferido e concebe o aluno como uma folha de papel em branco, não somente ao nascer, mas frente a cada novo conteúdo. Ao educador cabe ensinar; ao educando, aprender. Legitimada pela epistemologia empirista, isto é, pela crença de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelo meio físico e/ou social e não pelo sujeito, tal modelo configura o “próprio quadro da reprodução da ideologia; reprodução do autoritarismo, [...] da morte da crítica, da criatividade, da curiosidade” (BECKER, 2001, p. 18).

A pedagogia não-diretiva, por sua vez, concebe o conhecimento como algo inerente ao estudante. O professor apenas o auxilia, despertando um conhecimento que já existe. A epistemologia apriorista que fundamenta essa postura acredita que o ser humano já nasce com o conhecimento programado na sua herança genética. O resultado dessa relação, de acordo com Becker (2001, p. 22), é inevitavelmente o fracasso: “o professor é despojado de sua função, ‘sucateado’. O aluno guindado a um status que ele não tem e sua não-aprendizagem explicada como ‘déficit herdado’; impossível, portanto, de ser superado”.

Contrariando tais perspectivas, surge no contexto escolar uma terceira proposta: a pedagogia relacional na qual o educador apresenta ao educandos um material que deverá ser por eles explorado e discutido. O aluno não é considerado uma folha em branco, e a bagagem hereditária que carrega não possui todos os instrumentos necessários para o conhecimento. Ele e o professor se tornam protagonistas de um processo de aprendizagem que se dá por construção.

O professor construtivista não acredita no ensino em seu sentido convencional ou tradicional, pois não acredita que um conhecimento (conteúdo) e uma condição prévia de conhecimento (estrutura) possam transitar, por força do ensino, da cabeça do professor para a cabeça do aluno. [...] Ele acredita que tudo o que o aluno construiu até hoje em sua vida serve de patamar para continuar a construir e que alguma porta abrir-se-á para o novo conhecimento – é só questão de descobri-la; ele descobre isto por construção (BECKER, 2001, p. 24).

O modelo pedagógico relacional identifica-se com a linha de pensamento de Freire (1977, p. 78) que destaca a importância de uma “educação dialógica e comunicativa”. Educador e educando assumem novas funções: o primeiro, além de ensinar, passa a aprender; o segundo, além de aprender, passa a ensinar.

2.2.1 A filosofia educacional de Paulo Freire

Na história pedagógica brasileira, Paulo Freire se destaca como um pedagogo que contribuiu de forma decisiva para o entendimento sobre o papel do professor e da escola. Segundo Gadotti (2005), entre as décadas de 1960 e 1970, ele elaborou um modelo de educação popular que previa a educação como uma prática de liberdade para jovens e adultos da classe trabalhadora. Trata-se de uma mudança significativa na educação, com a passagem do ensino tradicional – chamado por Freire (1996) de bancário – para o ensino crítico, transformador.

Na concepção bancária da educação, o professor, no lugar de se comunicar, faz comunicados e depósitos que os alunos recebem, memorizam e repetem. A sua lógica, de acordo com Freire (2005, p. 66), é a de que “quanto mais vá ‘enchendo’ os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão”.

O ensino crítico propõe o rompimento dessa lógica autoritária da sala de aula. Na pedagogia freireana, o professor precisa tomar consciência de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47). Outra atitude fundamental é ter respeito à autonomia, à dignidade e à identidade cultural do educando que deixa de ser um mero objeto para assumir a posição de sujeito. O resultado é uma educação dialógica.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe [...] O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, p. 86).

O diálogo, proposto por Freire (1996, p. 25), possibilita que o aluno desenvolva criticamente a “curiosidade ingênua” – associada ao saber do senso comum – até alcançar a “curiosidade epistemológica”, sem a qual não obterá o verdadeiro conhecimento. No entanto, para que esse diálogo se torne possível, faz-se necessária a existência do ato comunicativo, isto é, que aluno e professor se expressem pelo mesmo sistema de signos linguísticos.

Para Freire (1977, p. 69), “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Nessa educação dialógica e comunicativa, o autor reconhece a importância dos meios de comunicação e recomenda o seu uso como recurso didático. Porém, orienta que eles sejam empregados na formação de uma consciência crítica:

Na linha de emprego destes recursos, parece-nos indispensável a análise do conteúdo dos editoriais da imprensa, a propósito de um acontecimento. Por que razão os jornais se manifestam de forma diferente sobre um mesmo fato? Que o povo então desenvolva o seu espírito crítico para que, ao ler jornais ou ao ouvir o noticiário das emissoras de rádio, o faça não como mero paciente, como objeto dos “comunicados” que lhes prescrevem, mas como uma consciência que precisa libertar-se (FREIRE, 2005, p. 137).

Por defender essa visão crítica da mídia, bem como o caráter dialógico dos processos comunicacionais, Paulo Freire se tornou um dos pioneiros da aproximação da Educação e da Comunicação.

2.2.2 Tecnologias de comunicação no ambiente escolar

“Haverá um dia – talvez este já seja uma realidade – em que as crianças aprenderão muito mais – e muito mais rapidamente – em contato com o mundo exterior do que no recinto da escola” (MCLUHAN, apud LIMA, 1987, p. 37). A previsão do pesquisador canadense se cumpriu. No século XXI, os estudantes chegam à escola impregnados de informações. Cabe a cada instituição de ensino refletir sobre o aproveitamento dos meios e das tecnologias na formação de seus alunos, e o apelo para que isso aconteça está presente nas obras de teóricos tanto da área da Comunicação como da Educação.

McLuhan (1964, p. 221) idealiza a educação como “uma defesa civil contra as cinzas radiativas dos meios de massa” e culpa a escola tradicional por se contentar em criticar a mídia em vez de utilizá-la como aliada no processo educativo. Em sua pesquisa sobre os meios massivos, destaca-se o enfoque educacional dado à televisão:

Quando uma criança de três anos assiste a uma conferência de imprensa do Presidente, junto com o papai e o vovô, temos uma ilustração do sério papel educacional da TV. Se perguntarmos qual a relação da TV, com o processo do ensino, a resposta é que a imagem da TV, com sua ênfase na participação, no diálogo e na profundidade, provocou na América uma nova demanda maciça de programas educacionais (MCLUHAN, 1964, p. 372).

Lévy (1993), por sua vez, enfatiza o uso do computador e descreve um novo gênero de saber: o conhecimento por simulação. Ao manusear *softwares* educacionais, o aluno é estimulado a manipular situações que imitam ou se aproximam do real. “Ele adquire um conhecimento por simulação do sistema modelado, que não se assemelha nem a um conhecimento teórico, nem a uma experiência prática, nem ao acúmulo de uma tradição oral” (LÉVY, 1993, p. 122).

Autor da tese da Linguagem Total ou Pedagogia da Comunicação, Gutiérrez (apud GADOTTI, 2005, p. 217) considera que os jovens precisam de uma “sacudida sensorial” para trabalhar e comunicar-se, daí a importância da percepção visual e sonora no processo de aprendizagem. O termo Linguagem Total significa introduzir na escola todas as linguagens que a sociedade utiliza. Assim, além da linguagem falada e escrita, o aluno tem contato com outras formas de expressão para desenvolver sua crítica e sua criatividade (GUTIÉRREZ, apud GADOTTI, 2005). Apesar de corroborar com a proposta da Pedagogia da Comunicação, Moran (2010, online) alerta para o papel de mediador que o professor deve desempenhar:

A educação precisa estabelecer pontes entre os meios de comunicação e a escola, entre a sua forma de lidar com o conhecimento e a da escola. Um dos caminhos é desenvolver com os professores formas de leitura crítica dos meios de comunicação, nas diversas áreas do conhecimento. Analisá-los tanto do ponto de vista estético como de conteúdo.

Moran (2010a) entende que o uso das tecnologias de comunicação não substitui o educador, mas modifica algumas das suas funções. Enquanto a tarefa de passar informações pode ser transferida aos bancos de dados, livros e vídeos; cabe ao educador estimular a curiosidade do aluno. Aluno este que, ao se comunicar mais

plenamente com o apoio das tecnologias, vive o que o autor considera como um novo encantamento pela escola.

2.3 EDUCOMUNICAÇÃO: UM NOVO CAMPO DE SABER

A presença dos meios de comunicação no processo de ensino e aprendizagem ocasionou o surgimento de um novo campo de conhecimento e intervenção social: a Educomunicação. No Brasil, um dos principais teóricos preocupados em esclarecer a inter-relação Educação/Comunicação e levá-la às escolas é Ismar de Oliveira Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes¹¹ da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP), fundado em 1996.

Em sua primeira e mais importante pesquisa, realizada entre 1997 e 1998, o Núcleo constatou, em consulta à bibliografia internacional, que a formação do campo da Educomunicação, na América Latina, se deu a partir da contribuição de estudiosos como Paulo Freire, defensor do caráter dialógico dos processos comunicacionais, de Jesús Martín-Barbero, pesquisador das sociedades mediatizadas tecnologicamente, e de Mario Kaplún, pioneiro nos estudos que relacionam a comunicação com os processos educativos. Foi Kaplún que criou, na década de 1980, o neologismo *educomunicacion* (SOARES, 2010).

O NCE-ECA/USP identificou que esse campo emergente, caracterizado por um discurso mediático e transdisciplinar, se materializa em quatro áreas específicas de atuação, segundo as palavras de Schaun (2002, p. 92):

- a) *A área da educação para a comunicação*, constituída pelas reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação [...], assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios. [...]
- b) *A área de mediação tecnológica na educação*, compreendendo o uso das tecnologias da informação nos processos educativos. Trata-se de uma área que vem ganhando grande exposição devido à rápida evolução das descobertas tecnológicas e de sua aplicação ao ensino [...]
- c) *A área da gestão da comunicação no espaço educativo*, voltada para o planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que

¹¹ A Escola de Comunicação e Artes foi fundada em 1966 e é uma das faculdades que compõe a Universidade de São Paulo (HENRIQUE; PEREIRA; SEDEVITIZ, 2006).

se articulam no âmbito da Comunicação/Cultura/Educação, criando *ecossistemas comunicativos*. [...]

d) A área da reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação/Educação como fenômeno cultural emergente. É, na verdade, a reflexão acadêmica, metodologicamente conduzida, que vem garantindo unicidade às práticas da *Educomunicação*, permitindo que o campo seja reconhecido, evolua e se legitime.

A educação para a comunicação possibilita que os alunos se transformem em espectadores mais críticos ao analisar e refletir sobre os conteúdos da mídia. Nessa área, utiliza-se a sustentação teórica dos estudos da recepção. Soares (2010, online), diz que “ainda que o destino dos estudos das audiências não seja principalmente o uso pedagógico, os educadores o tomam como parte integrante de seu acervo de dados e informações”.

A mediação tecnológica na educação compreende o “estudo das mudanças decorrentes da incidência das inovações tecnológicas no cotidiano das pessoas e grupos sociais, assim como o uso das ferramentas da informação nos processos educativos” (SOARES, 2010b). Nesse campo, insere-se a educação pelos meios na qual o aluno assume o papel de produtor da mídia.

A gestão da comunicação no espaço educativo se caracteriza pela relação democrática entre os recursos da comunicação e as atividades humanas que garantem a construção dos ecossistemas comunicativos.

O conceito de ecossistema comunicacional designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos indivíduos e grupos envolvidos e o conjunto de ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional (SCHAUN, 2002, p. 93).

A reflexão epistemológica, esclarece Soares (2010), corresponde ao conjunto de estudos sobre a natureza do próprio fenômeno analisado. O coordenador do NCE-ECA/USP conceitua a *Educomunicação* como:

[...] conjunto das ações voltadas para a criação de ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, favorecedores tanto de relações dialógicas entre pessoas e grupos humanos quanto de uma apropriação criativa dos recursos da informação nos processos de produção da cultura e da difusão do conhecimento (SOARES, 2010c, online).

Ações essas que não possuem metodologias, mas princípios gerais adotados

ao longo da construção da teoria emergente, como disposição da prática comunicativa a serviço da promoção da cidadania; o direito de acesso de professores e alunos aos recursos da informação e a visão da comunicação como um processo gerador de conhecimento (SOARES, 2010d).

2.3.1 O perfil do educador e o seu papel na educação formal

A pesquisa do NCE-ECA/USP¹² também traçou um perfil do profissional da Comunicação Educativa, chamado de educador: um profissional maduro, com formação superior, dedicado a seis grandes subáreas: educação para a comunicação, mediação tecnológica na educação, gestão da comunicação no espaço educativo, pesquisa, produção cultural e uso dos meios na educação para a cidadania. De acordo com Soares (2010e, online), a pesquisa define o educador¹³ como “um profissional que demonstra capacidade para elaborar diagnósticos e de coordenar projetos no campo da inter-relação Educação/Comunicação”.

Segundo Schaun (2002), o profissional da Educação pode atuar tanto em espaços de educação formal – curso fundamental, médio e superior, como de educação não-formal – centros de cultura, sindicatos, associações de moradores e Organizações Não Governamentais (ONGs). Soares (2010a) chama atenção para o fato de que, no Brasil, os setores da sociedade civil assumiram, muito antes das instituições de ensino, o emprego das tecnologias de informação em seus projetos de formação de jovens e adultos. Como o objeto desse estudo é o processo educacional na escola, faz-se necessário abordar o papel do educador nesse espaço.

A pesquisadora francesa Jacquinet (2010) distingue o saber escolar do saber midiático. Enquanto o saber transmitido pela escola é selecionado, construído e

¹² A amostragem da pesquisa foi formada pelos 178 especialistas – produtores culturais, tecnólogos, professores e profissionais de Comunicação e Educação – que efetivamente responderam o questionário exploratório que lhes foi enviado. Desse total, 67,61% são brasileiros e 32,29%, latino-americanos e espanhóis. Todos os resultados da pesquisa estão disponíveis em <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2010.

¹³ Schaun (2002) explica que a palavra educador foi empregada por Mario Kaplún, na década de 1980, baseado na filosofia educacional de Paulo Freire.

arquitetado segundo uma progressão definida; o saber oriundo da mídia é fracionado, descontínuo, sendo nele privilegiado “o sensacional e o emocional [...] enfim, os meios tratam de todos os assuntos, e não há nenhum controle sobre a forma como trabalham” (JACQUINOT, 2010, online).

Diante dessa situação, explica a autora, os professores são tentados a tomar posições extremas: ou ignoram a influência dos meios de comunicações, ou se servem deles apenas para atingir seus objetivos pedagógicos, ou criam cursos especializados de educação para os meios. A Educomunicação apresenta-se como um outro caminho, e a figura do educador surge como alguém que possui uma dupla fundamentação teórica – ciências da Educação e ciências da Comunicação, uma vez que integra diferentes meios na sua prática pedagógica (JACQUINOT, 2010).

Soares (2010a) afirma que esse educador, descrito pela pesquisadora francesa, está presente há décadas no cenário latino-americano. Os desafios apontados pelo trabalho do NCE-ECA/USP é como formar e atualizar esse profissional, bem como superar possíveis resistências aos projetos de Educomunicação por parte de autoridades da Educação, produtores culturais e comunicadores.

A solução do primeiro problema foi apontada pelos próprios participantes da pesquisa: ampliação de oferta de cursos regulares, especializações e graduações, num trabalho em conjunto das Faculdades de Comunicação e de Educação. Em relação ao segundo obstáculo, Soares (2010) ressalta a importância dos interessados se manterem integrados para garantir a essencialidade dos projetos em construção.

3 ALUNOS EM REDE – MÍDIAS ESCOLARES

3.1 ESTUDO DE CASO

O projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares, desenvolvido pela Equipe de Inclusão Digital da Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Porto Alegre e coordenado pelo professor Jesualdo Freitas de Freitas, tem como objetivo principal formar alunos capazes de dominar os recursos tecnológicos e produzir materiais para rádio, televisão e internet que serão veiculados na rádio de cada escola participante e no blog do projeto. Em função disso, intitula-se como projeto pedagógico, projeto de inclusão digital, veículo midiático e um trabalho de Educomunicação¹⁴. Apesar de só ter iniciado em 2006, ele se origina de um outro projeto, também idealizado e coordenado pelo professor: a Rádio DJTALD+, uma rádio-poste que atua no recreio e em outros momentos do cotidiano da EMEF Chico Mendes desde 2004. Atualmente, participam do Alunos em Rede treze EMEFs¹⁵.

A metodologia aplicada nessa pesquisa buscou comprovar a experiência educ comunicativa do projeto da SMED por meio do procedimento qualitativo e do método do estudo de caso. Inicialmente, tendo em vista que a finalidade da pesquisa bibliográfica “é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa” (PÁDUA, 2002, p. 52), foram realizados o levantamento e a análise de obras sobre Educação, Comunicação e Educomunicação.

Em seguida, partiu-se para a coleta de informações sobre o projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares. Antes de abordar essa fase, é importante justificar que a EMEF Chico Mendes, localizada no bairro Mário Quintana¹⁶, foi eleita como campo

¹⁴ Estes aspectos constam no documento Projeto Alunos em Rede 2010. Disponível em <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/smed/inclusaodigital/alemrede/projetoe proposta.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2010

¹⁵ Integram o projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares, as seguintes EMEFs: Sen. Alberto Pasqualini, Ver. Carlos Pessoa de Brum, Chico Mendes, Pres. João Belchior Marques Goulart, Lauro Rodrigues, Dep. Lindovino Fanton, Dep. Marcílio Goulart Loureiro, Migrantes, Nossa Senhora de Fátima, Porto Alegre, Saint’ Hilaire, Tristão Sucupira Vianna e Victor Issler. (FREITAS, 2010). As escolas interessadas em participar do projeto devem realizar inscrição no blog <<http://alemrede.blogspot.com/>>.

¹⁶ De acordo com o site Observa Poa, o bairro Mário Quintana, situado na Zona Leste de Porto Alegre, possuiu 28.518 habitantes, uma área de 6,78 km² e uma taxa de analfabetismo de 7,6%.

de estudo pelo seu importante papel na história do projeto.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o coordenador do projeto e a atual coordenadora da Rádio DJTALD+ Chico Mendes, a professora Lúcia Matos. Esse formato de entrevista é definido por Laville e Dionne (1999) como uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento”. Também foi feita uma entrevista via-email com Jackeline Cruz, ex-integrante da rádio escolar, que hoje atua na área da Comunicação. As três entrevistas constam na íntegra nos apêndices A, B e C. A autora visitou a escola por duas vezes, o que possibilitou a observação participante, definida como:

[...] um método específico de coleta de dados. Prevê que o observador terá sua identidade e os objetivos do estudo revelados ao grupo pesquisado desde o início dos trabalhos. O pesquisador terá acesso a um conjunto variado de informações, inclusive confidenciais, e pode solicitar a cooperação do grupo (LÜDKE; ANDRÉ, apud DUARTE, 2008, p. 217).

Durante uma dessas visitas, dez dos quinze integrantes da rádio-escola responderam a um questionário (Apêndice D), formulado com o objetivo de conhecer seus hábitos e preferências. O resultado do questionário está disponível, por meio de gráficos, no apêndice E. Entre os documentados analisados, destacam-se os materiais – textos, manuais, fotografias e vídeos – disponíveis no blog do projeto, o Alemrede (<http://alemrede.blogspot.com/>).

Concluída a coletas de dados, iniciou-se a Análise de Conteúdo, orientada pelas considerações de Laville e Dionne (1999). Os dados foram examinados e agrupados por “parentesco de sentido”, depois organizados em categorias de uma maneira fechada, na qual “o pesquisador decide *a priori* categorias, apoiando-se em um ponto de vista teórico que se propõe o mais frequentemente submeter à prova da realidade” (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 219).

O modelo de emparelhamento, definido por Laville e Dionne (1999, p. 227) como o ato de “associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los”, apresentou-se como a melhor estratégia para o presente trabalho que pretende verificar se as atividades desenvolvidas no projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares correspondem à prática da Educomunicação.

3.2 DA RÁDIO DJTALD+ AO PROJETO ALUNOS EM REDE

Atualmente, as atividades do projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares desenvolvem-se em três grandes momentos: na oficina, onde os estudantes aprendem a falar ao microfone, gravar vinhetas, realizar entrevistas, manusear programas de áudio e vídeo, entre outras ações; na rádio da escola, espaço em que eles veiculam músicas e transmitem notícias da instituição e da comunidade durante o recreio e em ocasiões especiais; na cobertura de eventos promovidos pela SMED. As produções dos estudantes são publicadas no blog Alemrede e nos blogs das rádios escolares.

Para concretizar essas atividades, o criador do projeto, Jesualdo Freitas de Freitas, percorreu um longo caminho junto com os seus alunos. A seguir, são apresentados os principais passos dessa trajetória.

3.2.1 Uma rádio para preencher o recreio

Quando chegou à EMEF Chico Mendes no ano de 2004, o professor Jesualdo Freitas de Freitas planejava não apenas lecionar História, mas também construir uma rádio. Ao constatar que a escola tinha a necessidade de ocupar melhor o período do recreio, ampliado para trinta minutos, apresentou à direção o projeto Recreio DJTALD+, que previa a seleção de músicas em mídia eletrônica e montagens no computador, posteriormente transformadas em cartazes. A peça radiofônica seria rodada no recreio, acompanhada da exposição da produção artesanal.

O projeto não aconteceu conforme o planejado, pois o rompimento do convênio entre a SMED e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) impediu a pesquisa online e a transmissão do material radiofônico a partir de um computador. Contudo, como a instituição contava com um amplificador de som e um microfone, a rádio foi lançada com equipamento analógico no dia 19 de agosto de 2004.

Mas permaneceu o nome digital: DJTALD+, de DJ, digital e demais. [...] Com o apoio de um funcionário da guarda, instalamos a transmissão na tipificação rádio-poste. As transmissões eram ao vivo e os alunos falavam no intervalo, cerca de dois segundos, das faixas musicais porque rodávamos músicas em CD (FREITAS, 2010).

Alunos de vários ciclos de formação se inscreveram para participar do projeto que se realizava em dois momentos: nas oficinas pedagógicas, com atividades focadas na linguagem do rádio como o ensaio e gravação de locuções, e nas transmissões ao vivo no recreio – quando estas não aconteciam, eram veiculados CDs com músicas e locuções dos alunos. O primeiro estúdio da DJTALD+ se instalou em uma pequena sala da escola (Figura 1); em 2005, a rádio passou a ocupar um espaço na biblioteca Ruth Rocha (Figura 2) onde funciona até hoje. Na figura 3, os registros da transmissão da rádio no ano de 2006.



Figura 1: Professor e aluna no primeiro estúdio da rádio
Fonte: Alemrede (2010, online)



Figura 2: Atual estúdio da Rádio DJTALD+
Fonte: Alemrede (2010, online)



Figura 3: Transmissão da rádio no pátio da escola
Fonte: Alemrede (2010, online)

A Rádio DJTALD+ adquiriu identidade própria. Um logotipo (Figura 4) foi criado com a ajuda de um publicitário, já que “havia muitas disputas entre os alunos que queriam trocar várias vezes de logotipo”, explica Freitas (2010). O coordenador do projeto também tomou a iniciativa de cunhar as três primeiras vinhetas do veículo: “DJTALD+ diversidade cultural, diversidade musical”, “DJTALD+ a galera no rádio” e “DJTALD+ quem lê, melhor fala, melhor ouve, melhor vê!” A partir dessas frases, iniciou-se a construção de vinhetas com os alunos.



Figura 4: Logotipo da Rádio DJTALD+
Fonte: Alemrede (2010, online)

3.2.2 A formação da Rede DJTALD+ e do projeto Alunos em Rede

“Começaram a dizer: essa rádio é frau!”, lembra Freitas (2010). Em 2006, para superar críticas como essa, o professor de História, que já havia concluído o curso de Locução para Rádio e TV pela Fundação Educacional Pe. Landell de Moura (Feplam) em 2005, propôs a expansão da rádio para outras escolas.

Os alunos e eu íamos, de carro ou a pé, no horário do recreio e em sábados letivos, até as escolas Ana Íris do Amaral e Victor Issler onde rodávamos os CDs com músicas e locuções ao vivo. Os alunos dessas escolas também foram convidados a participar das oficinas na Chico Mendes (FREITAS, 2010).

Formava-se, assim, via CD, a Rede DJTALD+. Com o decorrer dos anos, essas duas instituições de ensino organizaram suas próprias rádios e oficinas. O conteúdo dos CDs, produzidos na EMEF Chico Mendes, também se tornou conhecido pela comunidade por meio da Rádio A Voz do Parque (Figura 5), do líder comunitário Jair Gonçalves, veiculada no Parque Chico Mendes¹⁷.

¹⁷ Localizado no bairro Mário Quintana, o Parque Chico Mendes foi inaugurado em dezembro de 1992 e possuiu uma área de 25,29 hectares. Informações disponíveis em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=199#>. Acesso em: 10 abr. 2010.



Figura 5: Rádio-poste A Voz do Parque
Fonte: Alemrede (2010, online)

Ainda no ano de 2006, os alunos da Rede DJTALD+ participaram de um evento da SMED, como explica Freitas (2010):

Fomos convidados a ser a rádio do evento, chamado Conversações Internacionais [...] Como existiam muitas outras escolas com rádio, organizamos a participação delas no evento e foi, então, que surgiu a ideia de construir uma rede maior de alunos com o nome Alunos em Rede, hoje conhecida como Alunos em Rede – Mídias Escolares.

Inicialmente, essa nova rede atuou apenas na cobertura dos eventos de final de ano da Secretaria – Conversações Internacionais de 2007 e 2008. A rádio, formada por alunos de diferentes rádios escolares, recebeu o nome de Rádio Alunos em Rede. Durante esse período, o professor passou a integrar a Equipe de Inclusão Digital¹⁸ da SMED para se dedicar à ampliação do projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares. No entanto, somente em 2009, ao se desligar da EMEF Chico Mendes, conseguiu consolidá-lo com a construção do blog Alemrede e o assessoramento adequado para as escolas.

3.2.3 O blog Alemrede e a assessoria aos professores e alunos

Freitas (2010) considera o blog do projeto (Figura 6) uma ferramenta de divulgação do trabalho em mídia das escolas. Nele, constam materiais de áudio e vídeos produzidos pelos estudantes em diversos eventos promovidos pela SMED, como o Fórum Social Mundial, Salão UFRGS Jovem e Campeonatos de Robótica.

¹⁸ Criada em 2006, a equipe de Inclusão Digital da SMED é formada pela coordenadora Daniela Bortolon da Silva e nove assessores, a maioria professores concursados na área de Ciências da Computação. O objetivo da equipe é acompanhar as escolas em seus projetos pedagógicos para potencializar o uso dos ambientes informatizados. Disponível em <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/smed/inclusaodigital/fixo.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

Nessas coberturas, os alunos realizam entrevistas (Anexo A) e boletins informativos (Anexo B) com o apoio de laudas. Com o objetivo de facilitar as entrevistas, foi elaborada pelo coordenador uma rotina de ações para o aluno/entrevistador (Anexo C), já que geralmente a escolha do entrevistado e a redação das perguntas acontecem em tempo real, sem possibilidade de ensaio. Quanto ao número das rádios participantes, Freitas (2010) explica: “Se o evento é de dois dias, nos turnos da manhã e da tarde, por exemplo, posso chamar quatro rádios para realizar a cobertura, duas em cada dia”.



Figura 6: Página inicial do blog Alemrede
Fonte: Alemrede (2010, online)

Um dos links que constituem o menu do blog Alemrede, intitulado Escolas do projeto e suas próprias produções, remete o usuário para os blogs de cada veículo. Das quinze rádios escolares, nove possuem um blog¹⁹.

O blog da escola serve para que a escola poste o máximo possível de sua produção escolar. No blog Alemrede, postamos o máximo possível da produção nos eventos. Há escolas em diferentes estágios, umas com pouca produção, outras que possuem bastante produção, mas não agilidade suficiente para a publicação em blog (FREITAS, 2010).

Dessa forma, o coordenador do projeto é responsável por prestar assessoria aos professores e alunos das rádios escolares e administrar o blog Alemrede com as produções da Rádio Alunos em Rede; cada escola, por sua vez, é responsável pela execução de sua rádio e pela administração de seu blog, caso o tenha.

Ao trocar a sala de aula pelo setor de Inclusão Digital, Jesualdo Freitas de Freitas mudou de papel: de professor passou a assessor. A assessoria aos

¹⁹ Rádios escolares que possuem blog: Ver. Carlos Pessoa de Brum, Chico Mendes, Lauro Rodrigues, Dep. Lindovino Fanton, Dep. Marcílio Goulart Loureiro, Migrantes, Nossa Senhora de Fátima, Porto Tristão Sucupira Vianna e Víctor Issler. Disponível em:

educadores é prestada em reuniões na sede da SMED, nas próprias escolas, ou pela troca de e-mails e pela inclusão de materiais no blog Alemrede. Os professores recebem noções básicas sobre as linguagens dos meios de comunicação e sobre como manusear programas de edição de áudio e vídeo.

No primeiro semestre de 2009, ensinei a utilizar o programa de edição de áudio Audacity. Disse para começarem a captar e guardar as gravações. No segundo semestre, eles começaram a montar vídeos com áudio e fotografias e postar no blog, utilizando a ideia de gravar a rádio e uma proposta de dois minutos por peça. Para alguns ensinei a manusear o MovieMaker, e há professores que já dominavam esse programa (FREITAS, 2010).

Os educadores também são apresentados ao universo da Educomunicação por duas fontes principais: os textos disponíveis no site do NCE-ECA/USP (<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>) e do projeto Cala a boca já morreu – porque nós temos o que dizer²⁰ (<http://www.cala-bocajamorreu.org/>).

A orientação para os estudantes ocorre tanto no ambiente escolar como na cobertura de eventos externos. Em suas visitas às escolas, o coordenador os auxilia em diferentes atividades, como na concepção de vinhetas e na construção da identidade visual da rádio. Nos eventos, o foco é a condução de entrevistas e boletins informativos: “Estes momentos são preciosos em aprendizado para todos. São momentos pedagógicos em ato real”, explica (FREITAS, 2010).

3.3 NOS BASTIDORES DA RÁDIO DJTALD+ CHICO MENDES

Com a saída de Freitas da EMEF Chico Mendes, Lúcia Matos, pedagoga com mestrado em Educação, assumiu a coordenação da rádio DJTALD+ em março de 2009. Apesar de familiarizada com o programa de áudio Audacity, o qual utilizava

<<http://escolasdoalemrede.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

²⁰ O projeto Cala-Boca já morreu – porque nós também temos o que dizer! foi criado em 1995 pela empresa GENS – Serviços Educacionais. Em 2004, transformou-se em uma ONG na área de Comunicação e Educação. Com o objetivo de ensinar novas linguagens e tecnologias para crianças e adolescentes, o projeto promove oficinas de rádio, jornal impresso, vídeo e internet. Disponível em: <<http://www.cala-bocajamorreu.org/>>. Acesso em: 14 abr. 2010.

para gravar a atividade A Hora do Conto na biblioteca, a educadora reconhece que a sua capacitação para a função ocorreu concomitantemente com o desenvolvimento do trabalho.

No momento em que eu comecei a trabalhar com os alunos no ano passado, o Jesualdo se colocou à disposição para vir à escola se precisávamos de auxílio técnico para manusear mesa de som, microfone. Ele sempre nos dá suporte, seja presencialmente ou via telefone e e-mail, fornecendo polígrafos e endereço de sites [...] Mas também depende muito do nosso empenho de correr atrás, procurar informação. Nós só aprendemos com o trabalho através da atividade direta com os alunos (MATOS, 2010).

A experiência de trabalhar com mídia também é nova para os atuais membros da rádio. São quinze estudantes – sendo que sete participam do projeto desde 2009 – com idade entre 9 e 14 anos, pertencentes a diferentes níveis escolares. As oficinas acontecem todas as segundas-feiras, na biblioteca Ruth Rocha. Os nove alunos que participam pela manhã, das 10h15min às 11h15min, estudam à tarde; os seis que participam das 16h10min às 17h30min, pela manhã. Antes de cada oficina, ocorre a transmissão da rádio no período do recreio. A autora acompanhou essas atividades no turno da tarde, nos dias 3 e 10 de maio de 2010.

3.3.1 Rádio no recreio

Durante o primeiro ano de Lúcia Matos à frente da DJTALD+ Chico Mendes, a transmissão da rádio seguiu o formato rádio-poste, isto é, as músicas e as vozes dos alunos eram transmitidas por uma caixa de som. Em 2010, devido a um problema técnico no equipamento, a professora optou por levar a equipe da rádio para o pátio da escola. Mudança que contribuiu para dar maior visibilidade ao veículo e ajudar a diminuir situações de violência no recreio: “[...] assim que chegam na escola, os estudantes já me perguntam se vai ter rádio no recreio. Durante a atividade, em vez de ficarem correndo ou brigando, eles param para assistir aos alunos” (Matos, 2010).

Na transmissão do dia 3 de maio de 2010, o texto de abertura, lido por uma das alunas, foi: “Boa tarde! Segunda-feira, dia 3 de maio. A Rádio DJTALD+ deseja a todos um recreio muito divertido e tranquilo. Teremos música e adivinhas. Vamos lá!”. Em seguida, foi rodada a primeira música no aparelho de CD. Ao todo seis

músicas foram apresentadas (Anexo D), sendo que uma delas, *Meteoro*, do cantor Luan Santana, foi repetida algumas vezes a pedido do professor de Educação Física que estava ensaiando uma coreografia com uma turma de alunos para a confraternização do Dia das Mães. A cada intervalo das músicas, os estudantes se revezavam para ler uma ou mais vinhetas (Anexo E). Alguns demonstraram mais facilidade de oratória do que outros, embora a maioria das falas tenham sido rápidas.

Próximo ao final do recreio, um dos alunos propôs um adivinha, jogo de perguntas e respostas, para uma aluna ouvinte da rádio e outra integrante do veículo transmitiu o recado: “Pessoal, amanhã, dia 4, terça-feira, vai ter sarau na biblioteca, na hora do recreio. Falar com a profª Patrícia e com o Felipe” (Figura 7). Após a última música, a rádio encerrou a programação: “O recreio está terminando. Boa aula e boa semana. Valeu!”.



Figura 7: Leitura de recado e adivinha
Fonte: A autora

A transmissão do dia 10 de maio foi prejudicada pelo mau tempo pois, em razão da chuva, o período do recreio foi reduzido para quinze minutos. Os alunos da rádio tiveram dificuldades para deslocar os equipamentos – uma caixa de som, um aparelho de CD e um microfone – e encontrar um lugar adequado para dispô-los no pátio da escola. A programação seguiu o modelo apresentado anteriormente com veiculação de músicas e leitura de vinhetas, adivinhas e recados.

3.3.2 Oficina na biblioteca

Nos dois dias de visita à EMEF Chico Mendes, as atividades desenvolvidas nas oficinas foram as mesmas: realização de entrevista gravada com a autora e

preparação para a produção de um documentário. Após uma breve apresentação da entrevistada e do motivo de sua presença, quatro estudantes formularam as seguintes questões: Por que você escolheu ser jornalista? Você já conhecia uma rádio-escola? Como você conheceu o projeto Alunos em Rede? Uma das alunas assumiu o papel de entrevistadora, e outra se ofereceu para segurar o microfone (Figura 8). Após escutar a gravação, a professora e o grupo concluíram que não seria necessário repetir a entrevista, e a edição do áudio foi marcada para o próximo encontro. Contudo, isso não foi possível pela perda do arquivo da gravação.



Figura 8: Entrevista com a autora
Fonte: Matos (2010)

Na segunda entrevista com a autora, todos os alunos estavam presentes e participaram de alguma forma, seja escrevendo as perguntas na lauda de entrevista (Anexo F), lendo uma das questões ou manuseando o gravador. Além das perguntas já formuladas na última oficina, foi inserida uma nova: Você já se inscreveu para trabalhar em algum jornal? Os estudantes apresentaram dificuldade na locução, e a atividade foi repetida várias vezes. Por fim, todos conferiram a gravação (Figura 9), e o arquivo foi salvo no computador.



Figura 9: Professora e alunos durante a oficina
Fonte: A autora

A produção do documentário é uma das ações do projeto, previstas para 2010. A proposta é que cada rádio desenvolva um material de áudio e/ou vídeo

sobre a história do bairro onde a escola está localizada. Essas produções farão parte de um único programa, inicialmente denominado A Geografia da Cidade, que será veiculado nos blogs das rádios escolares. Lúcia Matos pretende trabalhar com áudio e vídeo para exercitar os alunos no uso dos programas Audacity e MovieMaker. Ao contar a história do bairro Mário Quintana, a educadora aproveitará para narrar também a trajetória da própria instituição de ensino. Na oficina do dia 3 de maio de 2010, ela apresentou a atividade aos alunos. O diálogo iniciou da seguinte forma:

Professora: “Vocês sabem o que é um documentário?”

Aluno A: “É tipo uma reportagem?”

Professora: “É parecido. Vocês já assistiram ao Globo Repórter?”

Aluno B: “Sim, o programa inteiro fala só sobre um assunto”.

Professora: “Isso mesmo. No documentário também falamos sobre um assunto, um fato, mas temos que documentar, provar que ele existiu. Vamos fazer um documentário sobre a escola e o bairro. O que podemos mostrar?”

Foram citados o Parque Chico Mendes, o clube de futebol, as lojas, as farmácias e os dois principais mercados do local. A coordenadora da rádio mostrou fotos antigas da escola e mencionou o nome de moradores do bairro, como a Dona Irma, líder comunitária que reivindicou a construção do novo prédio da instituição, e o Seu João, que coordena há anos um bazar na comunidade. Uma das alunas se manifestou: “Vou começar a interrogar a dona Irma”. A professora observou imediatamente: “É entrevistar”.

Novos nomes surgiram, a maioria de pessoas conhecidas dos pais dos estudantes. Em meio à conversa, uma aluna se referiu à existência de um “valão com cheiro ruim” perto de sua casa; outra lembrou o “corte das árvores do parque” e afirmou que o fato deveria ser denunciado. A educadora concordou, explicando que seriam divulgados não só aspectos positivos do bairro, mas também os negativos.

A discussão sobre prováveis fontes para o documentário continuou na oficina do dia 10 de maio de 2010, ocasião em que Lúcia Matos mostrou para o grupo a entrevista que um das alunas do turno da manhã tinha feito com o próprio tio, que participara de várias etapas da construção da EMEF Chico Mendes. Para o próximo encontro, foram agendados o ensaio com a câmera de vídeo e a divisão de funções na produção audiovisual.

4 UM OLHAR SOBRE O PROJETO

4.1 EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA

Das quatro grandes áreas da Educomunicação, identificadas pela pesquisa do NCE-ECA/USP, as quais, de acordo com Soares (2010, online), “não são excludentes, nem são as únicas”, o projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares realiza ações de mediação tecnológica na educação e de gestão da comunicação no espaço educativo.

O projeto coloca em prática a educação pelos meios ao possibilitar aos alunos o acesso e o uso das tecnologias da informação para a produção de materiais de áudio e vídeo, tornando-os autores de uma mensagem midiática. Segundo Soares (2010a, online), tal produção é facilitada pelo computador, tecnologia que reúne todas as ferramentas necessárias para o trabalho desenvolvido pelos “pequenos produtores culturais – alunos e professores”. Nesse processo de criação, os estudantes utilizam sua própria bagagem cultural que inclui os meios massivos. Para Freitas (2010):

Até o aluno perceber sua própria criatividade, a tendência é que ele copie os grandes veículos. Na escola Chico Mendes, teve um grupo que queria fazer um programa sobre esportes e dar o nome de Globo Esporte. A professora conseguiu converter o nome para Chico Esportes.

No questionário (Apêndice E), realizado com dez integrantes da rádio DJTALD+ Chico Mendes, assistir televisão e ouvir rádio foram as atividades de lazer mais citadas. Questionados sobre as razões que os levaram a ingressar no projeto, a maioria selecionou as opções: conhecer o que é uma rádio e participar da cobertura dos eventos fora da escola. A partir disso, percebe-se a influência dos veículos de comunicação em seu cotidiano e nos papéis que desempenham dentro do projeto.

A mediação tecnológica na educação converge para a área da gestão da comunicação no espaço educativo. Soares (2010b, online) define a gestão comunicativa como o “planejamento e execução de políticas de comunicação

educativa, tendo como objetivo a criação e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos mediados pelos processos de comunicação e por suas tecnologias”. Assim, a prática educomunicativa precisa ser planejada e administrada.

Na ação desenvolvida pela SMED, o papel de gestor coube inicialmente ao coordenador do projeto, Jesualdo Freitas de Freitas, que desde a constituição da Rádio DJTALD+ em 2004, caracteriza-se como um educomunicador, no caso, um educomunicador autodidata, como ele mesmo explica:

Ouvi falar sobre o conceito de Educomunicação em 2001, mas achava que para usá-lo teria que fazer mestrado e doutorado [...] Até que, em 2005, numa oficina de rádio escolar que participei, uma professora indicou sites sobre o assunto. Conheci, então, o Educom.rádio de São Paulo e percebi que o que estava imaginando já existia com uma proposta teórica crescente e consistente (FREITAS, 2010).

A partir do conhecimento adquirido no curso de radialista e da análise dos métodos utilizados no programa Educom.rádio – Educomunicação pelas Ondas do Rádio do NCE-ECA/USP²¹, o professor de História ingressou no universo da Comunicação e criou um modo próprio de transmitir a linguagem jornalística para os estudantes. Como assessor de Inclusão Digital da Secretaria, Jesualdo Freitas de Freitas também multiplica o seu conhecimento entre os professores que passam a assumir a função de educomunicadores e participar da gestão do projeto.

O Alunos em Rede – Mídias Escolares ainda não pode ser incluído na área de educação para a comunicação²², isto é, de educação para a recepção crítica dos meios. De acordo com Freitas (2010), iniciativas nesse campo se encontram em fase de planejamento: “Sei que os professores se interessam pelo assunto por reconhecer alguns programas de pouca qualidade na mídia”. Porém, a ausência de atividades específicas para a formação do senso crítico do aluno não significa que ele não o possua. A postura autônoma e crítica dos integrantes da Rádio DJTALD+ Chico Mendes frente aos processos comunicacionais é evidenciada no decorrer dessa análise.

²¹ O Educom.rádio – Educomunicação pelas Ondas do Rádio, desenvolvido entre 2001 e 2004 pelo NCE-ECA/USP, em parceria com a Secretaria da Educação do Município de São Paulo, tinha como objetivo capacitar alunos e professores do Ensino Fundamental para o uso de práticas da Educomunicação. Informação retirada do site do NCE-ECA/USP: <<http://www.usp.br/nce/>>. Acesso em: 10 maio 2010.

²² Soares e Gomes (1988, p. 13) afirmam que não há uma receita pronta para a implementação da educação para a comunicação: “o requisito básico é a vontade de iniciá-la e a busca de informações adequadas junto aos pesquisadores e aos que já iniciaram tarefas neste sentido”.

4.1.1 Ecossistemas comunicativos

Soares (2010a, online) atribui a Jesús Martín-Barbero o mérito de introduzir na América Latina o debate sobre o conceito de ecossistema comunicativo ao alertar para o impacto das novas tecnologias na vida social:

[...] ele (Jesús Martín-Barbero) garante que num primeiro movimento, o que aparece como estratégico, mais do que a intervenção dos meios, é a aparição de um ecossistema comunicativo que está se convertendo em algo tão vital como o ecossistema verde, ambiental. Para o autor, a primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação das pessoas com as tecnologias – desde o cartão magnético que substitui ou dá acesso ao dinheiro até as grandes rodovias da Internet [...]

A prática da Educomunicação utiliza os recursos tecnológicos com o objetivo de mediar as relações entre os grupos sociais. “A aprendizagem se dá na medida em que o indivíduo sente-se tocado, envolvido, conectado. Desta maneira, o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a produzir sentidos, convertendo-se em mediação” (SOARES, 2010a, online).

Os ecossistemas comunicativos assumem diferentes modelos nos espaços educativos presenciais ou virtuais. No caso da comunicação em rede, destaca Soares (2010a, online), esta pode ocorrer tanto “através de uma tecnologia de ponta, no caso a rede web, como pode ser implementada através de tecnologias mais tradicionais como o rádio”. O projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares faz uso dessas duas tecnologias para criar os seus ecossistemas comunicativos: o rádio, adaptado para o ambiente escolar; a internet, por meio da ferramenta blog.

Descrito por Sartori (1987, p. 244) como um “meio original, com um espaço próprio e preciso que não pode ser preenchido por outras mídias”, o rádio na escola adquire outra característica: a interação entre alunos radialistas e alunos ouvintes. Nota-se que a presença da Rádio DJTALD+ na EMEF Chico Mendes modifica o cotidiano da instituição de ensino. Durante as transmissões no pátio da escola, a rádio torna-se o centro das atenções dos estudantes que interferem na programação com pedidos musicais; em outros horários, os integrantes do projeto abordam os alunos para a gravação de entrevistas. Dessa forma, o veículo lhes dá o poder de voz, de se expressarem por meio da palavra.

Esse ecossistema comunicativo, formado ainda por professores, direção e

funcionários da instituição, adquire a característica de rede quando ultrapassa o espaço da escola. Nos eventos externos, os estudantes expandem suas relações ao terem contato com os integrantes de outras rádios e com entrevistados, profissionais brasileiros e estrangeiros que atuam em diversas áreas.

Nas entrevistas realizadas com estrangeiros, explica Freitas (2010), os alunos contam com o auxílio de intérpretes do próprio evento ou de acompanhantes do entrevistado. Em 2009, a partir de uma parceria firmada com o Portal das Línguas Estrangeiras da SMED, foram confeccionados folders explicativos do projeto em inglês, espanhol, francês, italiano e alemão. Uma das metas para o ano de 2010 é que os alunos comecem a gravar falas nesses idiomas.

Os outros ecossistemas situam-se no ambiente virtual: são os blogs de cada rádio escolar e o blog do projeto. Veen e Vrakking (2009, p. 43), definem os blogs como “diários digitais que todos podem acessar”. Já Primo e Smaniotto (2010) os consideram mais do que diários: espaços de conversação com manifestações não só do blogueiro – dono do blog – como também de outros usuários. A última conceituação é a que mais se aproxima do objetivo dos blogs do projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares. Ao ser publicado nesses espaços, o conteúdo audiovisual, produzido pelos estudantes com o auxílio dos educadores, torna-se disponível para a análise não só dos participantes do projeto, mas também para um número ilimitado de pessoas. Como diz Moran (2010b, online), “a escola, com as redes eletrônicas, abre-se para o mundo; o aluno e o professor se expõem, divulgam seus projetos e pesquisas, são avaliados por terceiros, positiva e negativamente”.

Moran (2010b, online) ainda observa que, em geral, as formas de comunicação online “são ferramentas muito apreciadas pelos alunos e bastante desvalorizadas pelos professores”. No caso do projeto, isso não acontece. Pelo contrário, o empenho de Freitas e dos coordenadores de cada rádio escolar é no sentido de estimular a participação dos estudantes nos ambientes virtuais. Apesar de as postagens das produções nos blogs das rádios serem feitas pelos professores, o que Freitas (2010) atribui à lentidão da internet e ao tempo curto das oficinas, os alunos são orientados a interagir por meio de inserções de comentários no ambiente.

O projeto prevê, para o ano de 2010, o início da formação de uma rede social via web que possibilite a interação tanto dos alunos como dos professores de todas as EMEFs. Nessa interação, inclui-se a troca de produções, “de modo que as rádios possam rodar peças de outras escolas nas suas” (FREITAS, 2010). Assim, pode-se

afirmar que os ecossistemas comunicativos do Alunos em Rede – Mídias Escolares encontram-se em processo de construção na busca de promover uma relação de diálogo entre os sujeitos envolvidos.

4.2 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: CONVERGÊNCIA DE MODELOS

No estudo da inter-relação entre Comunicação e Educação, identifica-se um processo comum de evolução entre os modelos comunicacionais e educacionais: o receptor/aluno abandona o comportamento passivo diante da mídia/educador para assumir uma postura ativa e crítica. Ou, segundo Jacquinet (2010, online), há a substituição do “paradigma da ‘transmissão’ de conhecimento [...] pelo da ‘mediação’ compreendida como modelo interpretativo e relacional de apropriação de conhecimentos”.

As correntes de comunicação com enfoque transmissionista – teoria da informação, teoria hipodérmica e teoria funcionalista de Lasswell – correspondem à pedagogia diretiva identificada por Fernando Becker e à educação bancária de Paulo Freire, descritas no primeiro capítulo. O produtor midiático acredita que a informação, ao chegar no receptor, produzirá o efeito planejado; o educador julga transferir o conhecimento ao aluno, que memoriza e repete os conteúdos. Ambas as relações são unidirecionais, emissor e professor preocupam-se apenas em transmitir uma mensagem.

Emissor → Receptor Professor → Aluno

Os modelos comunicacionais com ênfase na interação, nos quais se incluem os Estudos Culturais e a teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero, correspondem à pedagogia relacional de Becker e à educação dialógica e comunicativa de Freire. O emissor midiático encontra no receptor um sujeito capaz não apenas de decodificar a mensagem, mas de produzir os seus próprios significados; o professor vê no aluno um sujeito autônomo, capaz de contribuir na produção do conhecimento. Dessa forma, emissor e receptor, professor e aluno passam a interagir.

Emissor $\leftrightarrow$ Receptor Professor $\leftrightarrow$ Aluno

A Educomunicação caracteriza-se por essa relação interativa, dialógica e democrática que possibilita a criação e o fortalecimento dos ecossistemas comunicativos. A igualdade entre professores e alunos, proposta pela pedagogia freireana, se torna ainda mais aparente na mediação tecnológica na educação, como explica Jacquinet (2010, online): “O professor que trabalha sobre os meios não dispõe de um corpo de conhecimentos transmissíveis do que sabe e do que não sabe, porque a informação pertence a todos e aos meios”.

Assim, na prática educacional, há uma troca de saberes entre alunos e professores e também entre alunos e alunos que muitas vezes atuam como educadores. Em seu período de adaptação na rádio DJTALD+Chico Mendes, Matos (2010) lembra que recebeu a ajuda dos estudantes:

[...] eu sabia como gravar CD de música no programa da minha casa, mas não no programa Roxio, instalado no computador da escola. Pedi orientação para as pessoas que trabalhavam no laboratório de informática, mas nunca conseguiram me ajudar, até que um aluno, que participou da oficina no ano passado, disse: ‘Professora eu aprendi!’ Ele ficou do meu lado, mostrou o passo-a-passo, como se fosse um professor.

Dos dez integrantes da rádio que responderam ao questionário, apenas dois não possuem computador em casa, mas todos sabem como usá-lo. O que demonstra que, mesmo não podendo adquirir um computador, os estudantes têm acesso à tecnologia.

Em outra situação, durante uma oficina de dicção e oratória, a professora contou com o auxílio de um ex-integrante da rádio. Portador de deficiência visual, o jovem continua atuando no projeto como amigo da EMEF Chico Mendes, multiplicando o conhecimento que adquiriu e participando de eventos da SMED como entrevistador. Freitas (2010) destaca a importância do seu papel na formação da rádio escolar, sendo dele a autoria da vinheta “Rádio DJTALD+ também é cultura”.

4.3 O ALUNO COMO PROTAGONISTA

Indagados se a escola havia se tornado “mais legal”²³ depois que começaram a participar da rádio, os dez alunos que preencheram o questionário responderam unanimemente que sim, citando como os principais motivos para isso a ocupação do tempo livre, a possibilidade de adquirir novos conhecimentos e de ampliar o círculo de amizade e a perspectiva de uma carreira profissional (Apêndice E). Essa manifestação, que pode ser identificada como o “re-encantamento” pela escola referido por Moran (2010a, online), reflete a importância das ações desenvolvidas pelo projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares.

As intervenções da prática educ comunicativa no desenvolvimento pessoal e cognitivo dos estudantes da EMEF Chico Mendes atingem diferentes níveis como a maior disposição para a leitura e a escrita, o fortalecimento da autoestima, o exercício da autonomia e do senso crítico, a valorização da identidade cultural e a perspectiva de um campo de trabalho. Tais intervenções se tornam possíveis graças à postura de protagonista que o aluno assume no processo comunicacional.

4.3.1 Expressão e autoestima

Segundo Soares (2010f, online), o principal objetivo da Educomunicação é o “crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo”. As produções orais desenvolvidas para a Rádio DJTALD+ fortalecem essas duas características nos sujeitos envolvidos. De acordo com a coordenadora da rádio, depois que os alunos começam a frequentar as oficinas, eles demonstram mais interesse pela leitura e passam a se oferecer para ler em voz alta durante as atividades em sala de aula.

Com o decorrer do tempo, explica Matos (2010), os estudantes adquirem mais intimidade com o microfone: “No início, eles querem muito falar ao microfone, mas, quando surge a oportunidade, falam baixinho ou muito rápido. Teve uma

²³ A autora optou por utilizar uma linguagem informal no questionário apresentado aos integrantes da Rádio DJTALD+ Chico Mendes (Apêndice D).

evolução neste aspecto, já começam a impostar a voz e a improvisar quando necessário”. A professora informa que alguns integrantes do grupo se destacam pela facilidade da expressão oral. Em 2009, uma das alunas foi a responsável pela narração do vídeo de apresentação da Rádio DJTALD+ Chico Mendes e outros dois alunos atuaram como mestre de cerimônias em um evento realizado na comunidade.

A linguagem escrita também é trabalhada. A produção de texto antecede a produção de áudio e vídeo. Os alunos são orientados a preencher laudas em todas as etapas de produção, desde a seleção de músicas até o roteiro de entrevistas. “Eles perceberam, com o tempo, a importância de escrever no papel e ler o texto várias vezes. No início diziam que não era preciso, hoje pedem para escrever” (Matos 2010).

Além da oralidade e da escrita, verifica-se que projeto propicia a elevação da autoestima do aluno que descobre ser capaz de dominar as ferramentas da comunicação e passa a ser reconhecido por isto. O coordenador do projeto destaca a importância da oficina para o estudante com dificuldade de relacionamento ou de aprendizagem: “De repente ele torna-se o centro das atenções, é a voz. Trata-se de um momento importante para o professor trabalhar a sua autoestima” (FREITAS, 2010).

Matos (2010), por sua vez, lembra que muitos estudantes relatam situações em que foram reconhecidos por colegas pela atuação na rádio e ressalta a relevância da participação deles nos eventos externos: “É a melhor experiência que existe. Tem uma diferença do antes e do depois de uma atividade ao vivo, real”. Segundo a educadora, os alunos retornam dos eventos mais seguros e confiantes para interagir com o público da escola.

4.3.2 Construção da autonomia

Na relação dialógica entre educador e educando, o exercício da autonomia é fundamental. Segundo Freire (1996, p. 107), a autonomia é construída a partir da “experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas”. Para o aluno assumir o papel de protagonista, é necessário que ele utilize as tecnologias da mídia

não apenas para adquirir conhecimento, mas também para expressar o que pensa e o que sente. Duas iniciativas dos integrantes da Rádio DJTALD+ ilustram o exercício da autonomia no projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares.

Em 2009, quando Lúcia Matos optou por realizar as transmissões da rádio no pátio da escola, às segundas-feiras, o grupo de estudantes que participavam das oficinas no turno da manhã questionou o motivo dessas transmissões não ocorrerem todos os dias. A explicação dada pela educadora foi de que era necessária a presença de um responsável durante a atividade. Diante dessa situação, uma professora que trabalha na biblioteca da instituição, durante as manhãs de sexta-feira, se dispôs a acompanhá-los no período do recreio. A Rádio DJTALD+ ganhou, assim, um novo dia de transmissão.

Em 2010, duas integrantes da rádio utilizaram o período de transmissão de sexta-feira para ensaiar uma apresentação do Dia das Mães. A partir dessa experiência, os alunos propuseram à coordenadora do projeto na escola a criação de um show de talentos durante a rádio no recreio. Lúcia Matos não só apoiou a iniciativa como combinou com os estudantes que ela poderia acontecer em todas as transmissões da rádio.

Na tarde do dia 10 de maio de 2010, data da segunda visita da autora à EMEF Chico Mendes, os integrantes da oficina da tarde divulgaram a nova atração: “Show de Talentos. Como participar? Fazer a inscrição na biblioteca com a prof^a Lúcia. Trazer o CD com a música ou dizer o nome da música que nós baixamos”. Após o recreio, vários alunos procuraram a professora para se inscrever na atividade.

4.3.3 Senso crítico e identidade cultural

Apesar de o projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares não atuar no campo da educação para os meios, é possível observar que seus participantes parecem desenvolver uma postura crítica em relação ao processo de comunicação. Antes de realizar entrevistas, por exemplo, redigem as perguntas, ensaiam a locução no gravador, escutam e só, então, se consideram prontos para cumprir a tarefa. Na volta para o estúdio da rádio, eles “escutam, comparam com as produções dos

outros colegas e pedem para gravar de novo se acham que não ficou bom” (MATOS, 2010).

Ao assumirem a posição de entrevistados, o senso crítico permanece. Matos (2010) conta que, após a visita de uma repórter de televisão à Rádio DJTALD+ Chico Mendes, surgiram os seguintes comentários: “Professora, ela perguntava, mas não prestava atenção na resposta”; “Acho que ela deveria ter feito outras perguntas se quisesse conhecer o nosso trabalho”; “Por que, antes de fazer as perguntas, ela não conversou com a gente?”. Assim, desde o momento em que o estudante passa de receptor para produtor, fazendo uso das linguagens midiáticas, sua visão sobre a comunicação se torna mais seletiva. Essa evolução corresponde ao que Freire (1996, p. 31) chama de passagem da “curiosidade ingênua”, associada ao saber do senso comum, para a “curiosidade epistemológica”, a curiosidade crítica.

Freire (1996, p. 59) considera, ainda, que o professor que “desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem [...] transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência”. Uma das manifestações da identidade cultural dos alunos da Rádio DJTALD+ Chico Mendes é o gosto musical que abrange os estilos dance, pagode, sertanejo universitário e funk. Os integrantes da rádio, porém, foram orientados a não veicular o último gênero em razão do conteúdo agressivo de suas letras.

Os alunos da rádio entenderam, mas argumentam que as letras de funk falam do que acontece na vida real. Eu escutei muitas músicas que eles trouxeram e realmente vi que algumas letras são boas. Na verdade, é uma cultura deles que a escola deixa de lado. Então nós temos que trabalhar com isso, porque não, de repente, colocar uma dessas músicas de fundo no documentário? (MATOS, 2010).

Na discussão sobre o documentário a que a professora se refere, realizada na oficina do dia 3 de maio de 2010 e descrita no capítulo anterior, a manifestação de duas estudantes evidencia a interferência da realidade social nas produções que o grupo realiza. Questionadas pela educadora sobre o que poderia ser mostrado no documentário da história do bairro, onde a instituição se localiza, uma mencionou o “valão com cheiro ruim” situado próximo a sua casa; a outra, “o corte das árvores do parque”. Lúcia Matos concordou que tais aspectos negativos poderiam ser tratados na peça audiovisual. Observa-se, assim, que, nas duas situações – veiculação da música funk e divulgação dos problemas do bairro – a coordenadora da Rádio

DJTALD+ Chico Mendes procurou assumir uma postura dialógica e democrática frente aos educandos.

A identificação de questões problemáticas do bairro, como possível material para o documentário, pode ser analisada a partir da teoria das mediações. O bairro, na concepção de Martín-Barbero (1997, p. 274), constitui-se em um dos espaços de produção de sentido, de mediação “entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade”. Nesse caso, porém, não é o receptor crítico que reconstrói o conteúdo da mensagem baseado nos referenciais de seu cotidiano, mas o aluno/emissor que produz a mensagem midiática influenciado por suas experiências, por sua identidade cultural.

4.3.4 Um futuro além da rede

Questionados sobre a profissão que escolheriam hoje, oito dos dez alunos da Rádio DJTALD+ demonstraram interesse em atuar na área da Comunicação Social²⁴, como repórter ou radialista. O fato indica que, ao adquirir o conhecimento técnico da mídia, o estudante vislumbra nos meios de comunicação uma alternativa para o seu futuro profissional. Um futuro que pode estar bem próximo, de acordo com o coordenador do projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares:

Nas escolas de periferia, principalmente, temos que começar a apontar para uma profissão, mesmo no Ensino Fundamental. Poucos alunos terminam a primeira série, menos ainda o Ensino Médio. [...] Com os conhecimentos transmitidos nas oficinas é possível trabalhar como DJ, animar uma festa e os estudantes podem ter uma geração de renda na própria comunidade (FREITAS, 2010).

Este é o motivo que justifica o nome do blog Alemrede, explica Freitas (2010), que sugere “o além da rede escolar”. O coordenador cita a trajetória percorrida pela ex-aluna da EMEF Chico Mendes, Jacqueline Cruz. Após concluir os estudos, a jovem ingressou no mercado de trabalho como produtora do programa Você.Net, transmitido por uma emissora paulista, e atualmente, aos 19 anos de idade, é produtora executiva e coordenadora do portal multimídia Saladanet

²⁴ Os alunos citaram mais de uma profissão: comunicador (8), artista (5), engenheiro (3), médico (1),

(<http://saladanet.wordpress.com/>). Cruz (2010) destaca a importância da Rádio DJTALD+ em sua carreira profissional:

[...] o trabalho na rádio me ajudou a identificar a área da Comunicação como aquela que gostaria de seguir. Talvez se o projeto da rádio escolar não existisse, eu levasse mais tempo para descobrir a minha paixão pela comunicação, principalmente aqui em Porto Alegre, onde o mercado é bem fechado. Cursos de aperfeiçoamento nessa área são raros e não estão ao alcance de todos por serem caros.

Durante o ano e meio em que participou da rádio escolar, a produtora destaca que melhorou sua leitura e escrita e adquiriu uma visão mais crítica da mídia:

Lembro de um episódio em que um aluno pediu para que rodasse na rádio um CD. [...] Veio a diretora e falou brava: "Onde já se viu, na escola tocar essas músicas!". A música era o funk *Atoladinha*. Depois daquilo, comecei a entender que quem está à frente de qualquer meio de comunicação que atinja a um grande público tem responsabilidade com o conteúdo e tudo que envolve aquele conteúdo que pretende criar ou divulgar (CRUZ, 2010).

Cruz (2010), que pretende cursar Jornalismo com habilitação em Rádio ou TV, reconhece também o trabalho do seu antigo professor: "Sempre admirei o trabalho do Jesualdo e sei que daqui alguns anos alguém, assim como eu, vai agradecer a ele por esse projeto". A trajetória da ex-aluna, uma das primeiras a participar das oficinas da Rádio DJTALD+, evidencia o potencial do projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares para contribuir na formação do indivíduo dentro e fora do ambiente escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados por meio de documentos, referenciais teóricos, questionários, entrevistas e, principalmente, da observação participante, a presente pesquisa confirma a hipótese de que o projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares, desenvolvido pela Equipe de Inclusão Digital da SMED de Porto Alegre, se insere no campo da inter-relação Comunicação/Educação, atuando nas áreas de mediação tecnológica e de gestão da comunicação nos espaços educativos.

Considerados como educomunicadores do século XXI, os professores que coordenam as rádios e as oficinas do projeto integram os recursos tecnológicos de comunicação ao processo de aprendizagem e estimulam os educandos a assumirem a função de produtores de sentidos, de conhecimentos, de cultura, de mídia. Deve-se, contudo, entender que a educação pelos meios não se reduz à utilização dos recursos tecnológicos. Soares (2010b, online) observa que “é o sentido que provoca a aprendizagem, não a tecnologia”.

Tal argumento vem ao encontro da visão do idealizador do Alunos em Rede Mídias – Escolares de que o educador não precisa necessariamente dominar a área tecnológica. Freitas (2010) informa que “a experiência tem revelado que as rádios com melhor desempenho são as coordenadas por professores que nunca tinham trabalhado com os *softwares* [...]”. O essencial, na prática educomunicativa, é o diálogo aberto e democrático entre professor e aluno o qual permite que este último atue como protagonista no processo comunicacional.

Na rádio e nas oficinas da EMEF Chico Mendes, ambientes que nessa monografia serviram como uma amostragem das atividades realizadas em todas as escolas participantes, a existência desse diálogo, auxiliado pelo uso da tecnologia, possibilitou novas formas de aprendizagem, que fortalecem nos estudantes a expressão, a autoestima, a autonomia, a valorização da identidade cultural e o senso crítico. Este último, inclusive, viabiliza uma das propostas do projeto: “chegar à percepção crítica pelo fazer mídia” (FREITAS, 2010). Outra contribuição passível de ser identificada é a perspectiva do aluno de, futuramente, atuar na área da Comunicação.

Tendo em vista a afirmação de Guareschi e Biz (2005, p.88) de que “a cidadania acontece quando o ser humano assume a postura de sujeito e não apenas

de objeto de informação e de comunicação”, considera-se que mais do que educacionais, as intervenções realizadas na formação pessoal e intelectual desses alunos se apresentam como cidadãs.

O impacto positivo de tais intervenções pode ser atribuído à gestão participativa dos ecossistemas comunicativos, identificados nesse trabalho como as rádios e blogs de cada escola e o blog Alemrede. É importante ressaltar que, numa ação educacional, não apenas os alunos desenvolvem as suas potencialidades, mas todos os envolvidos. Como assessor do setor de Inclusão Digital da SMED, Jesualdo Freitas de Freitas auxilia os professores a ampliarem os seus conhecimentos na área da Comunicação e, estes, por sua vez, compartilham o que aprendem com os alunos. Todos os sujeitos possuem voz ativa no projeto, sendo que alguns estudantes, em determinados momentos, assumem a função de educadores, como foi relatado nessa pesquisa.

No estágio atual, as rádios escolares destacam-se como os principais espaços de interação e expressão dos alunos. Apesar da popularização da internet, o acesso dos estudantes à rede muitas vezes limita-se ao ambiente escolar. Outro fator que prejudica a interação no mundo virtual é o fato de que das quinze rádio-escolas, apenas nove possuem seu próprio blog. Para reverter essa situação, os educadores têm unido esforços para a construção de uma rede via web que integre professores e alunos de todas as EMEFs e promova a troca de produções.

Assim como os ecossistemas comunicativos, as práticas educacionais também podem ser aperfeiçoadas, e os estudantes e profissionais de Comunicação Social podem contribuir para que isso aconteça. Como evidenciado nesse trabalho, a evolução dos modelos comunicacionais e educacionais aponta para um lugar comum: a formação de um receptor/aluno ativo e crítico. Experiências, como o Alunos em Rede – Mídias Escolares, representam uma oportunidade para os comunicadores exercerem, ao lado dos educadores, a função de mediadores entre a cultura da mídia e a cultura escolar.

Proposto esse convite aos colegas da área, resta ratificar o desejo expresso nas primeiras páginas: o de que esta monografia contribua para o reconhecimento da Educomunicação como um novo campo de saber.

REFERÊNCIAS

ALEMREDE. **Blog do projeto Alunos em Rede: Mídias Escolares**. Disponível em: <<http://alemrede.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BERGER, Christa. A pesquisa em comunicação na América Latina. In. HOHLFELD, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.), **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CASTAGNI, Nicoletta. Prensa, Gutenberg e a maravilhosa invenção. In. GIOVANNINI, Giovanni (coord.). **Evolução na comunicação: do sílex ao sílício**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

COSTELLA, Antonio F. **Comunicação: do grito ao satélite**. São Paulo: Mantiqueira, 2002.

CRUZ, Jackeline. **Entrevista concedida à autora** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lulourega@yahoo.com.br> em 26 maio 2010.

DELORS, Jacques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2001.

DIZARD, Wilson Jr. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. Trad.: Antonio Queiroga e Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de Caso. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In. HOHLFELD, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Jesualdo Freitas de. **Entrevista concedida à autora**. Setor de Inclusão Digital da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. 4 abr. 2010.

FÓRUM NACIONAL SOBRE MÍDIA & EDUCAÇÃO, 1. **Perspectivas para a qualidade da informação.** Disponível em:

<<http://www.unicef.org/brazil/pt/midiaedu.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2010.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas.** São Paulo: Ática, 2005.

GIOVANNINI, Barbara. Da informação oral à escrita. In: GIOVANNINI, Giovanni (coord.). **Evolução na comunicação:** do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GIOVANNINI, Giovanni (coord.). **Evolução na comunicação:** do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. **Mídia & democracia.** Porto Alegre: Evangraf, 2005.

HENRIQUE, Alexandre; PEREIRA, José Aurélio Chiaradia; SEDEVITIZ, Márcia Mercês Martins. ECA/USP: Impasses pedagógicos e desafios tecnológicos do curso de jornalismo. In: MELO, José Marques (org.). **Pedagogia da Comunicação:** matrizes brasileiras. São Paulo: Angellara, 2006.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é um educador?** O papel da comunicação na formação dos professores. Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/11.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2010.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad.: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na área da informática. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Mutações em educação segundo McLuhan.** Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

MATOS, Lúcia. **Entrevista concedida à autora.** Biblioteca Ruth Rocha da Escola Municipal de Ensino Fundamental Chico Mendes. 10 maio 2010.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Loyola, 2005.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** Trad.: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Trad.: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MORAN, José Manuel. **Interferências dos meios de comunicação no nosso**

conhecimento. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/interf.htm>>. Acesso em: 14 maio 2010.

_____. a. **Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo.** Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/novtec.htm>>. Acesso em: 14 maio 2010.

_____. b. **Como utilizar as tecnologias na escola.** Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/utilizar.htm>>. Acesso em: 14 maio 2010.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/>>. Acesso em 10 maio 2010.

OBSERVA POA. **Observatório da Cidade de Porto Alegre.** Disponível em: <http://www.observapoa.palegre.com.br/default.php?p_sistema=S&p_bairro=188>. Acesso em 14 abr. 2010.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa:** abordagem teórico-prática. São Paulo: Papirus, 2002.

PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Educação. **Inclusão Digital.** Escolas Fundamentais. Disponível em: <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/smed/inclusaodigital/fixo.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

PORTO ALEGRE. Secretária Municipal do Meio Ambiente. **Parque Chico Mendes.** Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=199#>. Acesso em: 10 abr. 2010

PRIMO, Alex. **Interação mútua e interação reativa:** uma proposta de estudo. Disponível em <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2010.

PRIMO, Alex, SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Blogs como espaços de conversação.** Interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2010.

PROJETO ALUNOS EM REDE 2010. Disponível em: <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/smed/inclusaodigital/alemrede/projetoeproposta.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2010.

PROJETO CALA-BOCA JÁ MORREU – PORQUE NÓS TEMOS O QUE DIZER! Disponível em: <<http://www.cala-bocajamorreu.org/>>. Acesso em: 14 abr. 2010.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação:** problemas, correntes e autores. São Paulo: Edicon, 2003.

SARTORI, Carlo. O rádio, um veículo para todas as ocasiões. In. GIOVANNINI, Giovanni (coord.). **Evolução na comunicação: do sílex ao silício**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SCHULMAN, Norma. O Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. In SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira; GOMES, Pedro Gilberto. Educar com, apesar ou para a comunicação? **Revista de Educação AEC**, Brasília, ano 17, n. 69, p. 7-13, jul./set. 1988.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação: emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2010.

_____ a. **Alfabetização e educomunicação**. O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2010.

_____ b. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/4172/3911>>. Acesso em: 19 maio 2010.

_____ c. **Trabalho colaborativo e novos meios de produção de conhecimento: uma proposta educacional**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/149.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2010.

_____ d. **Educomunicação, seus procedimentos e metodologias**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 10 maio 2010.

_____ e. **O perfil do educador**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/29.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2010.

_____ f. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2010.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Trad.: Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

APÊNDICE A – Entrevista com o coordenador do projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares.

Qual a sua formação profissional?

Jesualdo Freitas de Freitas – Sou formado em História pela Universidade Federal de Pelotas, mas sempre gostei muito da área da imagem em movimento, de vídeo e achei que o curso ia entrar nesta área, o que não aconteceu. Sempre fui ligado às artes cênicas, participei de montagens e oficinas de teatro em Pelotas e em Porto Alegre. Em 1998, tentei trabalhar com vídeo nas escolas, mas foi muito complicado por equipamento inadequado e inexperiência com escola. Mais tarde trabalhei na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Porto Alegre (SMED), na área de Política Cultural das Escolas. Com a reorganização interna fui para a assessoria pedagógica da área de Ciências Sócio-históricas e Culturais e Filosofia, entre 2001 e 2003. Após sair da SMED, voltei a lecionar. Na escola Chico Mendes, propus o projeto da Rádio DJTALD+, inserido na proposta de utilização do ambiente informatizado da instituição, numa parceria entre a Secretaria e a UFRGS. Em 2005, fiz um curso de Locutor para Rádio e TV na Fundação Educacional Pe. Landell de Moura (FEPLAM).

Como surgiu a idéia de trabalhar com rádio na escola?

JFF – Quando fui para a escola Chico Mendes, em 2004, pensei no que a escola precisava e o que tinha para me oferecer. A Chico Mendes não tinha filmadora, então eu não podia trabalhar com imagens. Pensei em rádio, mas numa rádio diferente, que tivesse imagens – projetei o meu desejo inicial. Pensei também em internet, no site de uma rádio e então comecei a trabalhar a idéia de uma rádio com imagem. O recreio foi ampliado para trinta minutos, a escola precisava ocupar esse período, ou seja, realizar ações de ocupação para os alunos, mas não estava conseguindo dar conta dessa proposta. Desenvolvi, então, um projeto em que os alunos fariam uma produção de áudio, com uma seleção de músicas sobre um assunto; os que não quisessem fazer áudio, fariam pesquisas, montagens no computador, que seriam transformadas em cartazes – uma simbiose de material visual e material auditivo num recreio digital. As músicas seriam pesquisadas no ambiente informatizado como

todo o trabalho. Mas não foi assim, houve um súbito rompimento do convênio entre as partes envolvidas e não tivemos mais o apoio.

Como já tinha a demanda de lançar a rádio, ela estreou como rádio-poste, com equipamento analógico, em 19 de agosto de 2004. Mas permaneceu o nome digital: DJTALD+, de DJ, digital e demais. Com o apoio de um funcionário da guarda, instalamos a transmissão na tipificação rádio-poste. As transmissões eram ao vivo e os alunos falavam no intervalo, cerca de dois segundos, das faixas musicais porque rodávamos músicas em CD. Não tínhamos microcomputador com software de áudio. Com o tempo passaram a falar mais de dois segundos utilizando o recurso de pausa. Falavam as vinhetas, recados e notícias. As notícias mais rodadas eram trazidas pelo professor de Educação Física.

Como foram criados o logotipo da rádio e suas primeiras vinhetas?

JFF – O logotipo foi criado por um publicitário. Havia muitas disputas entre os alunos que queriam trocar várias vezes de logotipo, e, por essa razão, entendi, no momento, que deveria decidir algumas questões. Também era difícil explicar o projeto ao corpo geral da escola, e, por isso criei as três primeiras vinhetas da rádio: “DJTALD+ diversidade cultural, diversidade musical”, “DJTALD+ a galera no rádio” e “DJTALD+ quem lê, melhor fala, melhor ouve, melhor vê!” Partimos então para a construção de vinhetas com os alunos. De sua autoria, criaram em torno de quinze ao tempo de minha coordenação.

Como surgiu a idéia do projeto Alunos em Rede, Mídias Escolares?

JFF – Começaram a dizer: essa rádio é frau!, que a Rádio DJTALD+ era uma “radinho”. Em 2006, para ampliar essa idéia dos alunos adolescentes, propus a expansão da rádio para as escolas próximas, iniciando uma rede de escola, a Rede DJTALD+. Os alunos e eu íamos, de carro ou a pé, no horário do recreio e em sábados letivos, até as escolas Ana Íris do Amaral e Victor Issler onde rodávamos os CDs com músicas e locuções ao vivo. Os alunos dessas escolas também foram convidados a participar das oficinas na Chico Mendes. Quando não era possível o deslocamento deles, nós íamos até cada escola ministrar as oficinas. Nesse ano também foi muito importante para a rádio a parceria com a Rádio A Voz do Parque,

do Sr. Jair Gonçalves, morador e líder comunitário do bairro Mário Quinta, para a qual produzíamos CDs com músicas e locuções dos alunos.

Essas ações foram nos tornando conhecidos. A SMED, a partir de 2006, realizou grandes eventos anuais envolvendo a apresentação e exposição de produções de alunos. Fomos convidados a ser a rádio do evento, chamado Conversações Internacionais, que em seu primeiro ano aconteceu no Cais do Porto, com uma infraestrutura de sessenta caixas de som na rádio-poste. Como existiam muitas outras escolas com rádio, organizamos a participação delas no evento e foi, então, que surgiu a ideia de construir uma rede maior de alunos com o nome Alunos em Rede, hoje conhecida como Alunos em Rede – Mídias Escolares. No início, esse novo projeto acontecia apenas durante os eventos anuais da SMED quando os alunos de várias escolas atuavam na rádio do evento. Era uma oportunidade para eles se conhecerem e trocarem experiências.

E quando o projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares foi adotado pela SMED?

JFF – Eu coordenava a rádio Alunos em Rede, que era também verbalizada como rádios escolares no evento, e comecei a perceber o crescimento do envolvimento da Secretaria. No encontro de 2007, tive contato com a coordenadora da Equipe de Inclusão Digital, Daniela Bortolon da Silva, e surgiu o convite de voltar a trabalhar na SMED, para ampliar o projeto Alunos em Rede e assessorar professores e alunos nas produções de rádio e vídeo que seriam veiculadas na internet. Em 2008, realizamos oficinas de formação para alunos e professores como preparação para o Conversações Internacionais daquele ano. Foi prometido e divulgado aos participantes, durante as oficinas, que eles receberiam um material escrito. Contudo, essa promessa não foi cumprida.

Em 2009, eu me sentia em dívida por causa da promessa não cumprida. Resolvi arregaçar as mangas e produzir material escrito, material de áudio, construí o blog do projeto e assessoriei as escolas que não utilizavam software de áudio ou que não conheciam o fazer rádio. Deixei de trabalhar na Chico Mendes para me dedicar exclusivamente ao projeto. Em março, a professora Lúcia Matos assumiu a coordenação da DJTALD+ Chico Mendes. Na SMED, tive mais tempo para escrever e desenvolver um documento com o conceito do projeto no qual constam dados,

como o campo teórico, ações para 2010 e um material de suporte para os professores. Recuperei minha credibilidade com as escolas.

Qual o papel do blog no projeto?

JFF – O projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares propunha um site como veículo da produção das escolas. Por vários fatores, construí um blog para mostrar a cobertura de eventos da rádio Alunos em Rede, que não são mais anuais, mas vários durante todo o ano. É uma rádio no blog, e cada escola, que tem sua própria rádio-poste, tem também o seu próprio blog dentro do blog do projeto. O coordenador do projeto em cada escola tem a função de alimentar o seu blog com as produções dos alunos que atuam como locutores, editores, repórteres, DJs. A ideia inicial era que os professores me enviassem as produções, e eu as colocasse no blog, mas não foi possível, precisaríamos de uma equipe só para esse fim, já que tenho que alimentar o blog Alemrede com notícias e produções realizadas pelos alunos em eventos externos, como o Fórum Social Mundial e o First Lego League (FLL).

Tenho muito trabalho a cada evento, ajudo os alunos a realizarem dez ou quinze entrevistas para em breve publicá-las. Mas foi melhor assim, cada escola/rádio com seu blog, já que os professores e alunos precisam aprender a fazer o blog. Ao sair da escola, o aluno saberá utilizar essa ferramenta. Por isso, o nome Alemrede que também sugere o além da rede escolar. O blog cresceu e possui hoje os links dos blogs das rádios, sites com textos da teoria e metodologia adotadas, mais de sessenta entrevistas dos alunos nos eventos, material de apoio em linguagem e em suporte técnico. Enfim, tornou-se uma ferramenta para divulgação, criação e formação do trabalho em mídias nas escolas.

Como é feita a escolha dos alunos que participarão da cobertura desses eventos?

JFF – Para participar da cobertura de eventos fora da escola, organizados pela SMED, o aluno precisa saber entrevistar, pois geralmente entrevistamos as pessoas na hora, não sabemos antecipadamente quem será entrevistado. Nesses momentos, ele faz o convite e traz a pessoa até o set de gravação, já com a lauda de entrevista

em mãos. Nas escolas, a tipificação da produção é mais abrangente do que nos eventos, momentos em que se encaixam melhor os modelos de entrevista e de boletim informativo. Também é necessário que o professor conheça e saiba operar o equipamento e o programa Audacity durante o evento. Se o evento é de dois dias, nos turnos da manhã e da tarde, por exemplo, posso chamar quatro rádios para realizar a cobertura, duas em cada dia.

O blog da escola serve para que a escola poste o máximo possível de sua produção escolar. No blog Alemrede, postamos o máximo possível da produção nos eventos. Há escolas em diferentes estágios, umas com pouca produção, outras que possuem bastante produção, mas não agilidade suficiente para a publicação em blog. Este ano estamos avançando na ideia de rede dentro do projeto, com a construção de uma rede via web para posterior interação entre os alunos e a troca de produções entre as escolas, de modo que as rádios possam rodar peças de outras escolas nas suas.

Como foi elaborada a lauda de entrevista utilizada pelos alunos?

JFF – Esta lauda, bem como todas as outras utilizadas no projeto, foi elaborada a partir de vários fatores. No curso de radialista, entendi a necessidade das laudas. Já tinha sido orientado sobre a importância de escrever ao participar de uma oficina de uma ONG. Também observei o modelo de grade de programação do Educom.rádio, mas achei melhor construir um modelo que julguei mais adequado. Com o tempo, ele foi aperfeiçoado.

Os alunos lidam diretamente com os blogs?

JFF – Tenho encaminhado esta orientação desde o ano passado com bastante insistência para todas as escolas. Temos alguns desafios, a internet nem sempre é rápida, e o tempo de oficina é curto. Às vezes os alunos redigem, e o professor posta. Sei que a professora Lúcia, da EMEF Chico Mendes encaminha muito a escrita e, às vezes, ela escreve junto com os alunos. Ela tem alunos com limites exatamente na área da escrita. O professor Altemir, da EMEF Victor Issler, trabalha bem calmamente tudo com os alunos. A professora Débora, da EMEF Marcílio Goulart Loureiro, também é bem envolvida nesta questão.

Como funciona a assessoria prestada aos professores?

JFF – Quando deixei de ser professor em escola, eu mudei de papel. Aqui eu tenho que assessorar professores. Conhecendo a realidade na escola e a realidade de implantar uma atividade para quem não a conhece, e acreditando nas possibilidades do mundo digital, formatamos na Secretaria o apoio ao projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares, trabalhando diretamente nas escolas que estão produzindo em mídias. Nas reuniões com os professores, eu falo sobre locução, vídeo, vinhetas, programas, blog e entrego material produzido impresso e digital. Ajudo a melhorar a produção das rádios, contribuo na produção de vídeos, na criação da identidade de cada rádio e a veiculação desta identidade dentro de sua programação na rádio da escola e da escola para o mundo por postagem no blog.

Essa ajuda ocorre afinando professores junto aos seus alunos nos primeiros contatos com os *softwares* e nos primeiros momentos de locução. Na experiência, tem se revelado suficiente esse início. Eu mostro como fazer, mas digo que isso é apenas um pontapé inicial, pois é o educador que conduz o processo de criação em sua oficina. A Secretaria, por intermédio da Inclusão Digital, proporciona várias oficinas no campo digital, incluindo *softwares* de áudio e de construção de blog para professores em geral que se inscrevem para tais formações, independentemente de haver ou não rádio ou produção em outras mídias em suas escolas.

E como os auxilia no uso de programas de gravação de áudio e vídeo?

JFF – Parto do princípio de que o professor não precisa dominar a área tecnológica. A experiência tem revelado que as rádios com melhor desempenho são as coordenadas por professores que nunca tinham trabalhado com os *softwares*, utilizados no projeto. O projeto não é difícil, mas é bem encorpado, tem muitas ações, muitas linhas e bastante fôlego. O uso das ferramentas começou, sob minha orientação exclusiva no projeto, no ano passado. No primeiro semestre de 2009, sinei a utilizar o programa de edição de áudio Audacity. Disse para começarem a captar e guardar as gravações. No segundo semestre, eles começaram a montar vídeos com áudio e fotografias e postar no blog, utilizando a ideia de gravar a rádio e uma proposta de dois minutos por peça. Para alguns ensinei a manusear o MovieMaker, e há professores que já dominavam esse programa.

E a assessoria aos alunos?

JFF – Nas visitas às escolas, que ocorrem de acordo com a demanda – e demanda, ao meu ver, significa aprimorar peças já realizadas – mostro para o aluno como se faz locução, como melhorar a dicção, o que é necessário para criar uma vinheta e a identidade da rádio, da escola e da comunidade, já que eles gostam de identificar quem são. Outras complementações ocorrem no exercício direto dos alunos em entrevistas nos eventos, realizadas como se fossem “ao vivo”, e em breve postadas na web. Estes momentos são preciosos em aprendizado para todos. São momentos pedagógicos em ato real. Também temos previsto a organização de atividades dirigidas somente aos alunos, em formato de cursos ou oficinas sobre roteiro, linguagem, papel da mídia, etc.

Como teve contato com o conceito de Educomunicação?

JFF – Ouvi falar sobre o conceito de Educomunicação em 2001, mas achava que para usá-lo teria que fazer mestrado e doutorado, possivelmente influenciado pela forma como me foi colocado, e no momento não dei muita importância. Até que, em 2005, numa oficina de rádio escolar que participei, uma professora indicou sites sobre o assunto. Conheci, então, o Educom.rádio de São Paulo e percebi que o que estava imaginado já existia com uma proposta teórica crescente e consistente.

Um dos textos do professor Ismar de Oliveira Soares diz que mais importante do que levar a visão crítica da mídia é o aluno fazer a mídia. O projeto, além de ampliar o grau de consciência do aluno na percepção da mídia, proporciona o desenvolvimento criativo do estudante no momento em que utiliza a mídia para ganhar conhecimento. O aluno adora os meios de comunicação e domina facilmente as ferramentas, mas para produzir ele precisa da orientação do professor na escolha do conteúdo. No projeto, ele aprende a produzir e veicular nas rádios das escolas o conteúdo escolar e cultural de cada uma das instituições.

O projeto trabalha com a leitura crítica dos veículos de comunicação?

JFF – A idéia do projeto é chegar à percepção crítica pelo fazer mídia. Temos conversado com os professores sobre esse assunto, mas não chegamos a fazer

formações específicas com professores ou alunos sobre como fazer isso. Também não planejamos esta ação como temos planejado o que chamamos de ações em rede. Sei que os professores se interessam pelo assunto por reconhecer alguns programas de pouca qualidade na mídia.

É possível perceber a influência dos meios de comunicação na produção dos estudantes?

JFF – Sim. Até o aluno perceber sua própria criatividade, a tendência é que ele copie os grandes veículos. Na escola Chico Mendes, teve um grupo que queria fazer um programa sobre esportes e dar o nome de Globo Esporte. A professora conseguiu converter o nome para Chico Esportes. Para suprir essa curiosidade sobre os veículos, pretendemos fazer com que eles tenham cada vez mais contato com profissionais de Comunicação.

Quais os principais benefícios do projeto no desenvolvimento dos alunos?

JFF – São muitos. Os alunos alteram de imediato a relação afetiva com o coordenador do projeto na escola, o que também aconteceria com o professor de disciplina que utilizasse a Educomunicação em seu processo de trabalho. Aquele aluno que tem dificuldades de relacionamento, algum trauma ou dificuldade para falar, participa da oficina e descobre que nela terá oportunidade de crescer. De repente ele torna-se o centro das atenções, é a voz. Trata-se de um momento importante para o professor trabalhar a sua autoestima. Os próprios estudantes declaram que melhoram sua expressão em público, fala e leitura.

Eles também desenvolvem liderança e têm a oportunidade de entrevistar autoridades, professores e outros profissionais brasileiros e estrangeiros. Nas entrevistas realizadas com estrangeiros, os alunos contam com a ajuda do intérprete do próprio evento ou dos acompanhantes do entrevistado. O ex-aluno David Soares Lopes, que atualmente trabalha em uma empresa enquanto cursa o ensino médio, continua atuando no projeto como amigo da escola Chico Mendes e participa como entrevistador em muitos eventos. Portador de uma deficiência visual, ele teve um importante papel na rádio é de sua autoria a vinheta “Rádio DJTALD+ também é cultura”.

Para alguns alunos, o principal objetivo do projeto pode ser a oportunidade de se iniciarem no mundo da Comunicação, aproximando-se do mundo do mercado do trabalho. Nas escolas de periferia, principalmente, temos que começar a apontar para uma profissão, mesmo no Ensino fundamental. Poucos alunos terminam a primeira série, menos ainda o Ensino médio. Sempre achei que o ideal para falar da profissão era no primeiro grau, mas não sabia como. Com os conhecimentos transmitidos nas oficinas é possível trabalhar como DJ, animar uma festa e os estudantes podem ter uma geração de renda na própria comunidade. Um exemplo é a ex-aluna Jacqueline Cruz que fez parte da primeira oficina de rádio na Chico Mendes e hoje trabalha como produtora num programa de televisão.

Quantas escolas participam do projeto hoje?

JFF – Ao todo são treze escolas de Ensino Fundamental da rede municipal que se encontram em diferentes fases do processo: Chico Mendes, Victor Issler, Lauro Rodrigues, Dep. Marcílio Goulart Loureiro, Dep. Lidovino Fanton, Ver. Carlos Pessoa de Brum, Tristão Sucupira Vianna, Nossa Senhora de Fátima, Saint'Hilaire, Sen. Alberto Pasqualini, Migrantes, Pres. João Belchior Marques Goulart e Porto Alegre. Neste ano, também teremos a construção em rádio em turmas de alfabetização do primeiro ano do primeiro ciclo.

APÊNDICE B – Entrevista com a coordenadora da Rádio DJTALD+ Chico Mendes

Qual a sua formação profissional?

Lúcia Matos – Sou formada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul e tenho mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Como surgiu a oportunidade de coordenar o projeto Alunos em Rede, Mídias Escolares na escola Chico Mendes?

LM –Fui convidada para participar do projeto em função do meu trabalho na biblioteca no qual eu utilizava o programa Audacity para gravar a atividade A Hora do Conto. O professor Jesualdo disse que para trabalhar com a rádio, além da assessoria, era preciso ter uma noção de como manusear este programa e que ele daria o apoio necessário.

Você teve algum tipo de capacitação técnica para coordenar as oficinas de rádio?

LM – A capacitação foi concomitante com o trabalho. No momento em que eu comecei a trabalhar com os alunos no ano passado, o Jesualdo se colocou à disposição para vir à escola se precisávamos de auxílio técnico para manusear mesa de som, microfone. Ele sempre nos dá suporte, seja presencialmente ou via telefone e e-mail, fornecendo polígrafos e endereço de sites como do Educom.rádio da Universidade de São Paulo. Mas também depende muito do nosso empenho, de correr atrás, procurar informação. Nós só aprendemos com o trabalho através da atividade direta com os alunos.

E já aconteceu a situação dos alunos te ensinarem algo na área de tecnologia?

LM – Já aconteceu muito. Mesmo que a maioria não tenha acesso ao computador em casa, eles têm acesso na escola e entendem do assunto melhor que a gente. Por exemplo, eu sabia como gravar CD de música no programa da minha casa, mas

não no programa Roxio, instalado no computador da escola. Pedi orientação para as pessoas que trabalhavam no laboratório de informática, mas nunca conseguiram me ajudar, até que um aluno, que participou da oficina no ano passado, disse: “Professora eu aprendi!” Ele ficou do meu lado, mostrou o passo-a-passo, como se fosse um professor. Comecei a usar o programa e agora estou passando o conhecimento para os outros alunos.

Os estudantes aprendem a manusear programas de gravação de áudio e vídeo, como o Audacity e o MovieMaker, nas oficinas?

LM – Sim. A partir do documentário eu pretendo trabalhar com esses dois programas. Tem alguns alunos que, embora não tenham tanta prática, sabem utilizar a mesa de som e o Audacity. Quando eu gravava direto com o microfone e não com o gravador, eles manuseavam este programa. Eu dizia para dar pausa, gravar e assim por diante. Então, vários já dominam a parte de gravação do áudio, especialmente os meninos. O que eles não sabem é editar, mas vamos trabalhar.

E há algum trabalho de voz, de técnicas de dicção?

LM – O ano passado eu fiz algumas oficinas com combinações de repetições e exercícios de trava-língua em função de um curso que fiz de dicção e oratória. Também tive ajuda do David, um ex-aluno que já tinha participado das oficinas com o Jesualdo. Ele ensinou para os outros alunos exercícios de pronunciar palavras e alongar as sílabas. É importante não perder o vínculo com quem não pôde continuar na oficina por algum motivo ou já saiu da escola. Alunos como o David podem participar de algumas atividades e transmitir o seu conhecimento.

Ainda não realizei esses exercícios com os alunos novos, mas os que estão desde o ano passado já melhoraram a dicção. Tem alguns que postam muito bem a voz. A Daniela fez a narração do vídeo de apresentação da escola e, juntamente com o Felipe, foi mestre de cerimônia da abertura da Semana da Água na comunidade. Durante a Festa Farroupilha, a Anélia, que tem uma voz forte, declarou algumas frases gauchescas engraçadas com muita propriedade.

Durante as oficinas é feita uma análise crítica de jornais, programas de rádio e televisão?

LM – Não existe um trabalho sistemático com os alunos a respeito. No ano passado, os alunos traziam exemplos, com base no que costumavam ouvir/ver, quando trabalhamos com entrevistas e vinhetas. Eles também fizeram comentários pertinentes a respeito da forma como foram entrevistados pela repórter da TVE, ano passado: "Professora, ela perguntava, mas não prestava atenção na resposta"; "Acho que ela deveria ter feito outras perguntas se quisesse conhecer o nosso trabalho"; "Por que, antes de fazer as perguntas, ela não conversou com a gente?".

Quais as principais atividades previstas para o ano de 2010?

LM – Entre as principais metas para este ano está a troca de e-mails com os alunos de outras escolas e a produção de um documentário sobre a história da escola e do bairro, que pretendo realizar não só em áudio, mas também em vídeo. Na reunião que tivemos com o Jesualdo no mês de abril, combinamos de realizar este trabalho. Então, além das atividades no recreio – em que eles baixam e copiam músicas, dão recados – tem as entrevistas e agora o documentário. Além disso, à medida em que vamos realizando as atividades, novas ideias vão surgindo, o que enriquece a participação de todos.

A rádio realiza a cobertura dos eventos da escola?

LM – A rádio ajuda, participa, mas ainda não está acontecendo a cobertura de eventos. Os alunos querem fazer isso, então já é o primeiro passo. Só que eu gostaria de estar junto, apesar de eles já terem condições de trabalhar sozinhos. No ano passado, fizemos uma oficina de entrevista num sábado pela manhã que funcionou muito bem. Combinamos as perguntas, quem seriam os entrevistados e eles saíram em duplas. Alguns esqueceram de ligar o gravador, tiveram que pedir desculpa para os professores e colegas que entrevistaram e gravar novamente. Vi que isso de combinar e deixar que eles se viem é melhor do que ficar junto. Alguns já têm o próprio gravador, e nós temos que estimular que o usem.

Por quais atividades os alunos se interessam mais?

LM – A escolha de música e a realização de entrevistas. Os estilos de música que eles mais gostam são dance, pagode, sertanejo universitário e funk. Mas a escola faz uma seleção e há músicas que não se pode tocar, como é o caso do funk que incita a violência. Os alunos da rádio entenderam, mas argumentam que as letras de funk falam do que acontece na vida real. Eu escutei muitas músicas que eles trouxeram e realmente vi que algumas letras são boas. Na verdade, é uma cultura deles que a escola deixa de lado. Então nós temos que trabalhar com isso, porque não, de repente, colocar uma dessas músicas de fundo no documentário?

Na parte das entrevistas, precisamos exercitar mais a elaboração das perguntas. Agora estou usando a metodologia de combinar as perguntas, treinar, gravar, escutar e só então sair para entrevistar, e eles estão se mostrando bastante críticos. Escutam, comparam com as produções dos outros colegas e pedem para gravar de novo se acham que não ficou bom. Também gostam muito de usar os computadores disponíveis na biblioteca, e é preciso controlar esse uso para não perder o foco da atividade que está sendo realizada em grupo.

E teve alguma atividade da rádio que surgiu a partir da iniciativa dos alunos?

LM – Os alunos da turma da manhã tomaram a iniciativa de realizar a rádio no recreio também nas sextas-feiras, acompanhados da professora Luiza que trabalha na biblioteca nesse período e se dispôs a ajudá-los. Na última sexta-feira, duas alunas da rádio, juntamente com outras colegas, pediram para usar o espaço para ensaiar a apresentação que fariam no Dia das Mães. Surgiu, então, a ideia de realizar um show de talentos. Combinamos que, durante os recreios, tanto na sexta pela manhã como na segunda, nos dois turnos, poderão ocorrer apresentações de dança, música, poesia, paródia, mágica, o que eles quiserem. Hoje, pela manhã, três alunos da rádio passaram de sala em sala para divulgar a atividade, e agora, à tarde, assim que terminou o recreio, muitos vieram até a biblioteca para realizar a inscrição.

O importante é que a rádio está tendo visibilidade. Vários alunos já me procuraram para entrar na rádio. No ano passado, como não fazíamos a rádio no recreio, muitos esqueceram que existia uma rádio no colégio. Neste ano é diferente, assim que

chegam na escola, os estudantes já me perguntam se vai ter rádio no recreio. Durante a atividade, em vez de ficarem correndo ou brigando, eles param para assistir aos alunos da rádio. O importante é que a rádio existe de fato. Ainda não está tudo encaixado, os alunos lendo as vinhetas depois da música, sem deixar nenhum espaço em branco. Isso nós vamos adquirindo com a prática. Mas agora eles estão interessados em ler as vinhetas, o que não acontecia no início. Com o show de talentos, também poderemos gravar as apresentações e publicar os vídeos no blog.

Qual a importância dos alunos participarem de eventos fora da escola?

LM – É a melhor experiência que existe. Tem uma diferença do antes e do depois de uma atividade ao vivo, real. Vários alunos que estão na oficina desde o ano passado já participaram da cobertura de eventos como o WCCE – Conferência Mundial de Tecnologias na Educação e do Campeonato de Robótica, no ginásio Tesourinha. Nesses momentos em que é difícil de gravar de novo, eles dão as ideias, e nós ajudamos a preencher as laudas de entrevista. Se errou, repete a frase e vai em frente. Voltam dos eventos mais confiantes, mais seguros, com vontade de falar em público.

De que forma você percebe que essas experiências, dentro e fora da escola, interferem no desenvolvimento pessoal e educacional dos alunos?

LM – Tem a questão da leitura. Os alunos que participam há mais tempo do projeto demonstram maior interesse em ler em voz alta ou em público. As professoras comentam que eles se oferecem para ler na sala de aula, o que antes geralmente não acontecia. Outra questão é a desenvoltura. No início, eles querem muito falar ao microfone, mas, quando surge a oportunidade, falam baixinho ou muito rápido. Teve uma evolução nesse aspecto, já começam a impostar a voz e a improvisar quando necessário. Mas sempre digo que eles podem improvisar dentro um parâmetro, não se pode dizer qualquer coisa na rádio. Eles têm que pensar no que vão falar, mesmo que seja de improviso. O que se trabalha muito é que mesmo nessas rádios que eles gostam de escutar, como Atlântida, Eldorado, Cidade, tudo parece muito informal, mas é preparado.

Eles perceberam, com o tempo, a importância de escrever no papel e ler o texto várias vezes. No início diziam que não era preciso, hoje pedem para escrever. Além disso, eles se sentem muito valorizados e capazes de realizar as atividades. Muitos contam que alguém os reconheceu, falando na rádio, ou viu uma foto deles no blog.

Como teve contato com o conceito da Educomunicação?

LM – Eu conheci o conceito em função da rádio. Orientada pelo professor Jesualdo, acessei o site da USP e li os textos do professor Ismar de Oliveira Soares, além de buscar outros sites que enfoquem o trabalho com rádios escolares e comunitárias. O que faz parte da minha formação são os textos de Paulo Freire, que tratam da importância da comunicação e do diálogo na escola.

APÊNDICE C – Entrevista com ex-integrante da Rádio DJTALD+ Chico Mendes

Qual a sua idade e formação escolar?

Jackeline Cruz – Tenho 19 anos e concluí o Ensino Médio. Pretendo cursar Jornalismo com habilitação em Rádio e TV.

Em que trabalha atualmente?

JC – Sou produtora executiva e coordenadora do portal multimídia Saladanet. Antes disso trabalhei como produtora do programa Você.Net, transmitido pela emissora paulista AllTV.

Por quanto tempo participou da Rádio DJTALD+ Chico Mendes?

JC – Participei durante um ano e meio, quando tinha 13 anos. Lembro que montamos, ainda em sala de aula, um piloto para a rádio.

Quais eram as atividades que mais lhe chamavam atenção?

JC – Tudo que envolvia criação me atraía muito, como as tele-novelas.

Acredita que a experiência lhe trouxe benefícios para o seu desenvolvimento escolar?

JC – Com certeza. Imagina alguém completamente fissurada por meios de comunicação ter a oportunidade de aprender brincando. A experiência me ajudou a melhorar na leitura e na escrita. Aprendi a prestar atenção em cada pausa e a ler com mais clareza.

Atuar na rádio a ajudou a ter uma visão mais crítica da mídia?

JC – Sim. Lembro de um episódio em que um aluno pediu para que rodasse na rádio um CD. Rodamos, mas não tínhamos noção do que o pessoal ouvia, pois estávamos com problema com o retorno de áudio. Veio a diretora e falou brava:

"Onde já se viu, na escola tocar essas musicas!". A música era o funk *Atoladinha*. Depois daquilo, comecei a entender que quem está à frente de qualquer meio de comunicação que atinja a um grande público tem responsabilidade com o conteúdo e tudo que envolve aquele conteúdo que pretende criar ou divulgar.

Considera que a experiência com a rádio escolar contribuiu para a sua escolha profissional?

JC – Sim, o trabalho na rádio me ajudou a identificar a área da Comunicação como aquela que gostaria de seguir. Talvez se o projeto da rádio escolar não existisse, eu levasse mais tempo para descobrir a minha paixão pela comunicação, principalmente aqui em Porto Alegre, onde o mercado é bem fechado. Cursos de aperfeiçoamento nessa área são raros e não estão ao alcance de todos por serem caros.

Após deixar a EMEF Chico Mendes, participou de outras práticas que unissem a Educação e a Comunicação?

JC – Não, mas considero a Educomunicação uma estratégia escolar que só pode dar certo. Sempre admirei o trabalho do Jesualdo e sei que daqui alguns anos alguém, assim como eu, vai agradecer a ele por esse projeto. A escola Chico Mendes também é uma instituição que se preocupa com o aluno de hoje e com o cidadão de amanhã, sempre se empenhando em realizar projetos para que o estudante assimile conhecimentos paralelamente com o entretenimento.

APÊNDICE D – Modelo de questionário

PESQUISA DE CAMPO EMEF Chico Mendes

Este é um questionário para conhecer os hábitos e as preferências dos alunos da Rádio DJTALD+ Chico Mendes, integrante do projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares. Escolha quantas opções quiser. Agradecemos a sua participação.

1. O que você mais gosta de fazer nos momentos de lazer?

Ouvir rádio	()	Assistir televisão	()	Ler um livro	()
Brincar	()	Praticar esporte	()	Passear	()

Outra atividade: _____

2. Você possui computador?

Sim () Não ()

3. Sabe usar?

Sim () Não ()

4. O que mais lhe chama atenção no projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares?

Falar ao microfone	()	Participar da rádio no recreio	()
Gravar vinhetas	()	Escolher músicas para a rádio	()
Entrevistar pessoas	()	Acessar o blog Alemrede	()

Outra atividade: _____

5. O que te fez participar das oficinas?

Conhecer o que é uma rádio	()	Aprender a falar ao microfone	()
Usar o computador	()	Usar a câmera filmadora	()
Participar de eventos fora da escola	()	Fazer novos amigos	()

Outro motivo: _____

6. Ir à escola ficou mais legal depois que você começou a participar da rádio?

Sim () Não ()

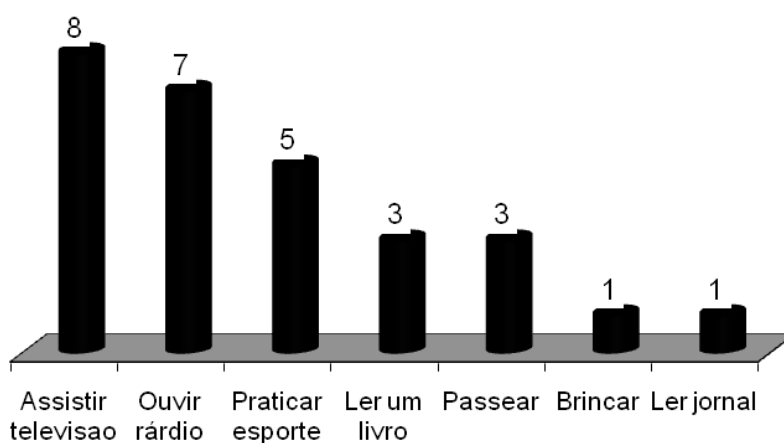
Motivo: _____

7. Se você pudesse escolher hoje uma profissão, qual seria?

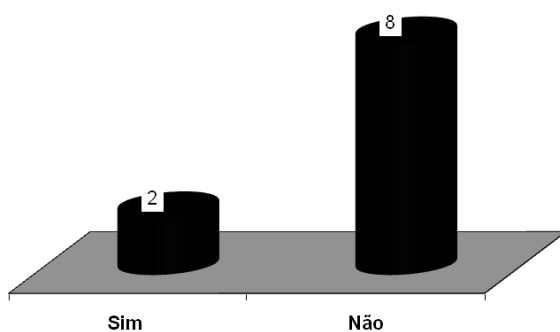
APÊNDICE E – Resultados do questionário

O questionário foi preenchido por 10 dos 15 integrantes da Rádio DJTALD+ Chico Mendes.

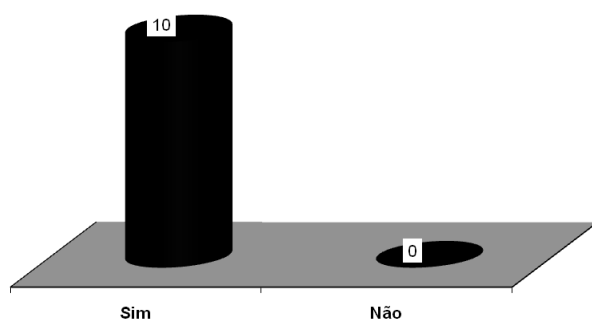
1. O que você mais gosta de fazer nos momentos de lazer?



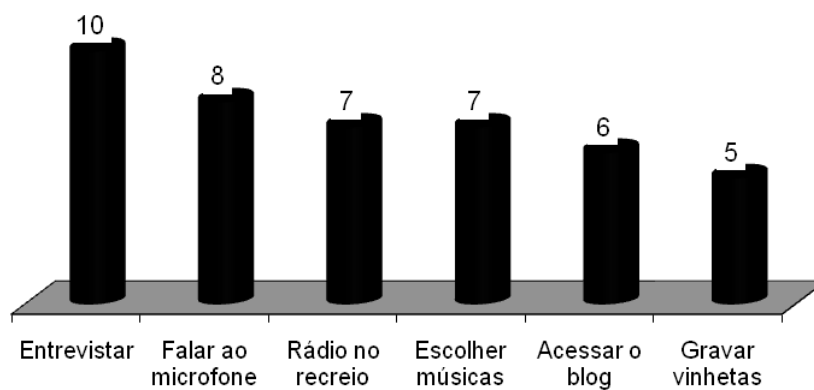
2. Você possuiu computador?



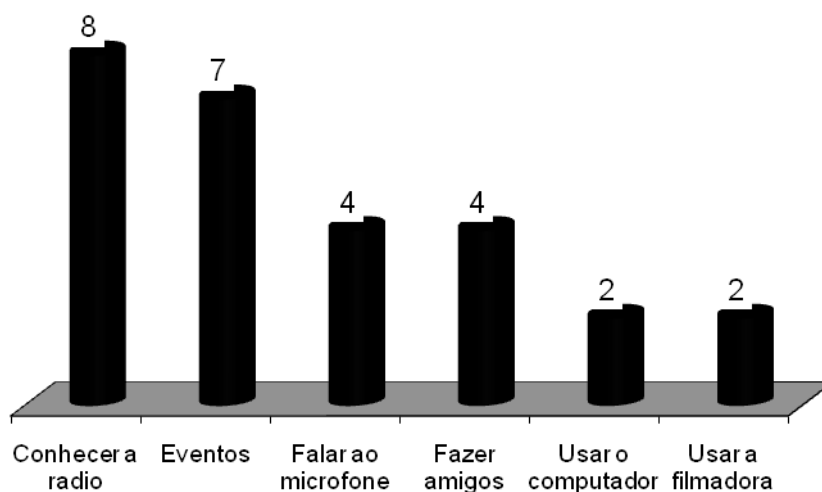
3. Sabe usar?



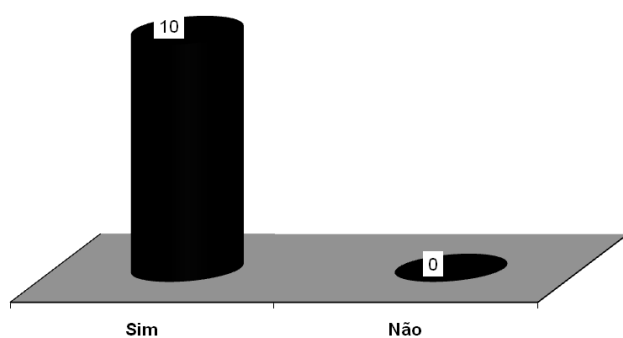
4. O que mais lhe chama atenção no projeto Alunos em Rede – Mídias Escolares?



5. O que te fez participar das oficinas?

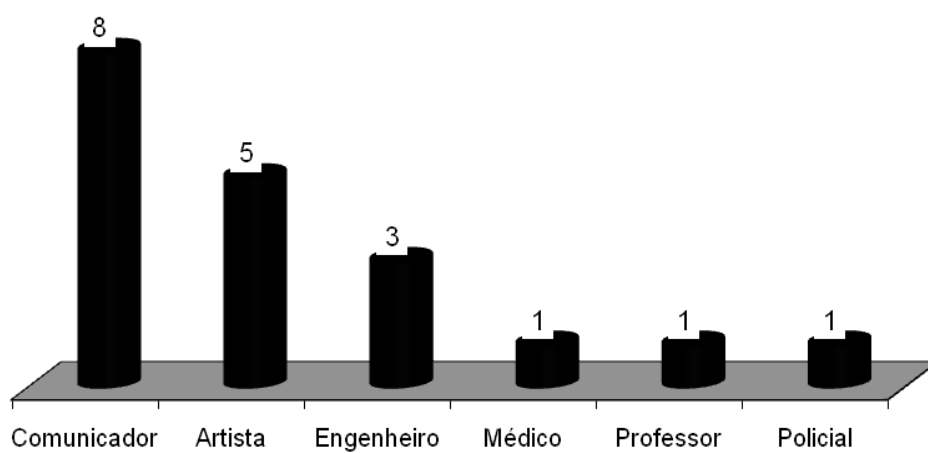


6. Ir à escola ficou mais legal depois que você começou a participar da rádio?



Motivos mais citados: preenche o tempo livre, aponta para uma carreira profissional e possibilita novos conhecimentos e novas amizades.

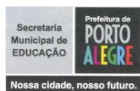
7. Se você pudesse escolher hoje uma profissão, qual seria?



Comunicador: repórter e radialista.

Artista: ator, atriz e dançarina.

ANEXO A – Lauda de entrevista para eventos



O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

Data: ____/____/____

Evento: _____.

RÁDIO - ENTREVISTA

1º - ANTES DE INICIAR A ENTREVISTA, E, SENDO A PRIMEIRA PERGUNTA AO ENTREVISTADO, SE CONCORDA EM DAR A ENTREVISTA, DE MODO QUE FIQUE GRAVADO NO ÁUDIO.

SOU.....IDADE:

DA ESCOLA

DA RÁDIO

NO PROGRAMA “**A GALERA PERGUNTA**”.

VOU ENTREVISTAR

NO EVENTO..... DIA:

1ª) Você (ou sr. Ou sraª) aceita ser entrevistado/a pela RÁDIO ALUNOS EM REDE?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

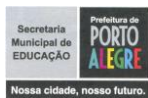
.....

Captação de áudio:.....

Captação de imagem:

Captação de fotografia:.....

ANEXO B – Lauda de boletim informativo para eventos



O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

Data: ____/____/____

Evento: _____.

RÁDIO - A GALERA INFORMA

EU SOUIDADE.....

DA ESCOLA.....

RÁDIO.....

NO BOLETIM A GALERA INFORMA DIRETAMENTE DO

.....DIA:

TEXTO: (OBSERVAR UM ESTANDE E CONTAR O QUE ESTÁ SENDO EXPOSTO).

ABAIXO ANOTAÇÕES BÁSICAS OU UM TEXTO

O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

VISITE NOSSA PÁGINA WWW.ALEMREDE.PONTOBLOGSPOT.PONTO.COM

Captação de áudio:.....

Captação de vídeo:

Captação de imagem:

ANEXO C – Rotina do aluno/entrevistador nos eventos

Transcrição de trecho do documento Projeto Alunos em Rede 2010.

ROTINA DO ENTREVISTADOR

1. Buscar o entrevistado. Pensar com o seu professor quem entrevistar, fazer o convite e trazer a pessoa até o set de gravação;

- Se for alguma pessoa com pressa, no caso de jornalistas, por exemplo, informar que é uma entrevista de dois minutos.

2. Com a LAUDA DE ENTREVISTA em mãos, preencher o nome e profissão, ou título (prefeito, secretários, diretor de escola, enfim) do entrevistado.

3. As perguntas não são muitas, cerca de três. A entrevista deve durar em torno de dois minutos.

- lembro que enviamos um roteiro de entrevista no material de suporte (abril)

4. Após o fim da entrevista

4.1 Conduzir o entrevistado para assinar o termo de autorização de imagem na internet

4.2 Após despedir-se do entrevistado ajudar a conferir se foi salvo o arquivo do audacity

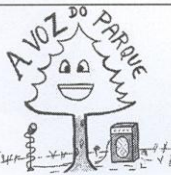
4.3 Escrever na lauda o nome de quem captou o áudio

4.4 Escrever o nome de quem captou o vídeo

4.5 Escrever o nome de quem captou a foto

Após a Lauda completamente preenchida entregá-la e estará concluída a entrevista.

ANEXO D – Lauda com programação musical

		EMEF CHICO MENDES REDE DJTALD+ NAS ESCOLAS/PARQUE CHICO MENDES + VICTOR ISSLER + ANA ÍRIS DO AMARAL + LAURO RODRIGUES + A VOZ DO PARQUE www.myspace.com/djtalde mais galeradj@yahoo.com.br Rua Gentil Amâncio Clemente, s/nº Fone: 3387 - 6400
---	---	---

PLANILHA EVENTOS – operação de áudio

Folha: ①

EVENTO: Recreio: dia 3/5 (2ª f) **data:** 03/5/10

Cd ②	música	faixa nº
① Jason Mraz	I'm Yours	4
2 with you	↗ ↖ Chris Brown	12
3 Meteoro (Ensaio)	Luan Santana	
4 Byonce	Baby Boy	
5 Luan Santana	Tô de cara	7

ANEXO E – Lauda com vinhetas

		PROJETO CIDADE ESCOLA REDE DJTALD+ NAS ESCOLAS/PARQUE ANA ÍRIS DO AMARAL + CHICO MENDES + VICTOR ISSLER + LAURO RODRIGUES + A VOZ DO PARQUE www.myspace.com/djtalde mais galeradj@yahoo.com.br Rua
---	---	--

Quem? O quê? Quem? Onde? Quando? Por quê? Como?

Data: ____ / ____ / ____ .

Rua Gentil Amâncio Clemente, s/nº; CEP 91270-315 F:3387-6400- Bairro Mário Quintana - POA-RS

Programa BIG MIX D+++

* Rádio DJtalD+ quem lê, melhor fala, melhor ouve, melhor vê! * Rádio DJtalD+ diversidade cultural, diversidade musical * DJtalD+ a galera no rádio Escola Chico Mendes sempre melhorando a vida da gente (som de apito de futebol) Não é falta, não é gol. É a ZONA NORTE na área. * Rádio DJtalD+ também é cultura * Porque quando o cara é bom, o cara vai ser bom pra sempre, porquê ele escuta a rádio DJtalD+ Para não dar zebra, escute a rádio DJtalD+ O certo é sal de frutas ou sal de fruta? O certo é escutar a rádio DJtalD+ * Rádio DJtalD+ preserve o meio ambiente este é o bem mais valioso da gente * Não pise na bola, fique na escola! * Alô, Chico Mendes, essa é a radio MIX da gente.	Para preenchi- mento da Rádio
---	--

ANEXO F – Lauda de entrevista



PROJETO CIDADE ESCOLA
 Rede DJtalD+ NAS ESCOLAS/PARQUE
 CHICO MENDES + VICTOR ISSLER + ANA ÍRIS DO
 AMARAL + A VOZ DO PARQUE
www.myspace.com/djtalde mais
galeradi@yahoo.com.br
 Rua Gentil Amâncio Clemente, s/n Fone 3387 6400

O quê? Quem? Onde? Quando? Por quê? Como?

Data: 10 / 5 / 2010

PROGRAMA: "A GALERA FAZ AS PERGUNTAS"

Entra chamada do programa: (Você vai ouvir agora o programa: A GALERA FAZ AS PERGUNTAS)

Eu sou DANIELA da DIGITAL DEMAIS – CHICO MENDES, entrevistarei AQUI no estúdio (ou dizer o local onde está)

o/a prof/a (ou colega ou Sr.ou Sr^a.) (antes de falar completar a tabela abaixo):

Nome completo do/a entrevistado/a	profissão	cidade
LUCIANE LOURENÇO DE LIMA SILVA	CENTRO UNIVERSITÁRIO METODISTA ESTUDANTE	PORTO ALEGRE

Perguntas:

- PORQUE VOCÊ ESCOLHEU SER JORNALISTA?
 VOCÊ É JORNALISTA; MAS EM UMA RÁDIO ESCOLAR?
 + VOCÊ SE INSCREVEU PARA TRABALHAR
 EM ALGUM JORNAL?
 - COMO VOCÊ CONHECEU O PROJETO
 ALUNOS EM REDE?
 1- POR QUE VOCÊ ESCOLHEU SER JORNALISTA?
 2- VOCÊ JÁ CONHECIA UMA RÁDIO ESCOLAR?
 3- VOCÊ JÁ SE INSCREVEU PARA TRABALHAR EM ALGUM JORNAL?
 4- COMO VOCÊ CONHECEU O PROJETO ALUNOS EM REDE?

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista, DANIELA do ESTÚDIO
 (ou dizer o local onde está) A GALERA PERGUNTA para a DIGITAL DEMAIS –
 CHICO MENDES. NTA

Entra música com locução encerrando o programa